



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO - LET
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO - POSTRAD**

**TIRINHAS DA TURMA DA MÔNICA: TRADUÇÃO DO PORTUGUÊS
PARA A LIBRAS POR MEIO DA ELiS**

ALINE ALKMIN CAMARGO SPICACCI

**BRASÍLIA/DF
JUNHO/2018**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO - LET
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO - POSTRAD**

**TIRINHAS DA TURMA DA MÔNICA: TRADUÇÃO DO PORTUGUÊS
PARA A LIBRAS POR MEIO DA ELiS**

ALINE ALKMIN CAMARGO SPICACCI

ORIENTADOR: PROF. DR. ECLAIR ANTÔNIO ALMEIDA FILHO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

**BRASÍLIA/DF
JUNHO/2018**

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA E CATALOGAÇÃO

SPICACCI, Aline A. C. **Tirinhas da Turma da Mônica**: tradução do português para a Libras por meio da EliS, 2018, 85 f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

FICHA CATALOGRÁFICA

SPICACCI, Aline Alkmin Camargo

Tirinhas da Turma da Mônica: tradução do português para a Libras por meio da EliS. Aline Alkmin Camargo Spicacci. Orientador: Dr. Eclair Antônio Almeida Filho. Brasília, 2018. 85 f. il.

Dissertação de Mestrado em Estudos da Tradução, Universidade de Brasília - UnB, Brasília, 2018.

1. Tradução em Libras. 2. Transcrição em escrita de sinais. 3. EliS – Escrita das Línguas de Sinais. 4. Tirinhas da Turma da Mônica. 5. Cebolinha e Chico Bento.

É concedida à Universidade de Brasília permissão para reproduzir cópias desta dissertação e emprestar ou vender tais cópias, somente para propósitos acadêmicos e científicos. A autora reserva outros direitos de publicação e nenhuma parte desta dissertação de mestrado pode ser reproduzida sem a autorização por escrito da autora. Citações são estimuladas, desde que citada a fonte.

Assinatura

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO - LET
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO - POSTRAD

**TIRINHAS DA TURMA DA MÔNICA: TRADUÇÃO DO PORTUGUÊS
PARA A LIBRAS POR MEIO DA ELiS**

ALINE ALKMIN CAMARGO SPICACCI

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO SUBMETIDA AO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA
TRADUÇÃO, COMO PARTE DOS REQUISITOS
NECESSÁRIOS À OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM
ESTUDOS DA TRADUÇÃO.

Aprovada por:

**Prof. Dr. Eclair Antônio Almeida Filho – Universidade de Brasília - UnB
(Orientador)**

**Prof^a. Dr^a. Patrícia Tuxi dos Santos – Universidade de Brasília - UnB
(Examinadora Interna)**

**Prof. Dr. Marcos Araújo Bagno – Universidade de Brasília - UnB
(Examinador Externo)**

**Prof. Dr. René Gottlieb Strehler – Universidade de Brasília - UnB
(Suplente)**

Brasília, 23 de junho de 2018.

Dedico este trabalho à minha família, que me apoiou em toda esta árdua caminhada, à comunidade surda e a todos que desejam e têm curiosidade em aprender Libras e ELiS (Escrita das Línguas de Sinais).

AGRADECIMENTOS

A Deus, o grande Rei da minha vida, pois sem Ele nada faria sentido. Ele me capacitou com esforço e dedicação, me proporcionou a oportunidade de fazer este mestrado e chegar ao fim dele. Nos momentos de desespero, com pensamentos de que nada iria dar certo, era Deus que me fortalecia e me encorajava a enfrentar cada desafio.

Ao meu orientador, Dr. Eclair Antônio Almeida Filho, que com calma e paciência me orientou e tranquilizou. Um orientador patafísico, que com as ciências das coisas do imaginário me apresentou o autor Manoel de Barros, me fazendo mergulhar em criatividade e bom humor.

Aos professores que durante o percurso foram doutores do conhecimento e me apresentaram novos rumos neste vasto oceano do saber.

À professora Dr^a. Mariângela Estelita Barros, que me inspirou e esteve sempre disposta a me ajudar com a escrita em ELiS.

Ao meu marido, Eduardo, que me apoiou e teve paciência. Com muito amor, ele sempre compreendeu as minhas idas a Brasília e me entendeu durante os tempos de estudo. Amo-o.

Aos meus pais e irmão, a quem amo muito. Eles são um porto seguro para mim, sempre ao meu lado, mimando-me com muito zelo e carinho.

Às minhas amigas da graduação, Vilma, Janaína e Luana, que acompanharam este árduo percurso e também me incentivaram a continuar. Especialmente a Vilma, que foi minha primeira professora de Libras e é um grande exemplo para mim.

À minha co-orientanda, Thaisy, que compartilhou suas angústias comigo e sempre esteve disposta a me ajudar. Contribuiu bastante para que eu pudesse lapidar as arestas deste trabalho.

À Patrícia Tuxi, que foi fundamental em minhas bancas de qualificação e de defesa, pois me direcionou com ideias preciosas e me fez chegar a este resultado final.

E ao Marcos Bagno, que aceitou participar da banca de defesa e somou em meu trabalho com seu rico conhecimento e olhar sociolinguístico.

RESUMO

Esta dissertação de mestrado consiste na tradução comentada de algumas tirinhas da Turma da Mônica, de Maurício de Sousa, especificamente de dois personagens, Cebolinha e Chico Bento, pois os dois utilizam uma fala marcada, cada qual com sua característica a ser descrita ao longo do trabalho. O problema de pesquisa é: Como traduzir a dislalia do Cebolinha e o dialeto do Chico Bento sem perder o chiste e os detalhes linguísticos e culturais que caracterizam uma fala? A escolha desse corpus se deu pela delimitação do público-alvo, objetivo e finalidade dessas traduções. O público-alvo da tradução são as crianças surdas que estão em fase de alfabetização da escrita em sua própria língua. Nesse caso, será usada como ferramenta a Escrita das Línguas de Sinais (ELiS). O objetivo deste trabalho é traduzir as tirinhas do português para a Língua Brasileira de Sinais (Libras) por meio da ELiS, contribuindo com os futuros tradutores que queiram ampliar este projeto. A finalidade dessas traduções é auxiliar as crianças na fase inicial da aprendizagem da língua de sinais por meio da produção de um material didático, como uma coletânea de tirinhas traduzidas, utilizando, na escrita, uma linguagem que faça ponte entre os sinais não padronizados e os sinais padronizados, a fim de inserir a criança na escola sem deixá-la se sentindo uma estranha. O referencial teórico explora detalhadamente a ELiS, sistema criado por Barros (2015); em seguida, discute as características culturais que envolvem a construção gramatical no par linguístico português/Libras com Quadros & Karnopp (2004); esmiúça todos os procedimentos técnicos caracterizados por Barbosa (1990), a qual será útil para comentar as traduções produzidas como resultado deste trabalho; e, por último, discorre sobre o gênero textual do nosso objeto de estudo com Ramos (2009).

Palavras-chave: Libras; Escrita de Sinais; ELiS; Tradução de tirinhas; Turma da Mônica.

ABSTRACT

This masters thesis consists of the commented translation of some comic strips of the Monica's Gang by Maurício de Sousa, specifically two characters, Cebolinha and Chico Bento, as both use a marked speech, each with their own characteristics to be described throughout the work. The research problem is: How to translate Cebolinha's dislalia and Chico Bento's dialect without losing the joke and the linguistic and cultural details that characterize a speech? The choice of this corpus was based on the delimitation of the target audience, aim and function of these translations. The target audience of the translation are deaf children who are in the literacy phase of writing in their own language, in this case, the Sign Language Writing (ELiS). The objective of this work is to translate the strips from Portuguese to the Brazilian Sign Language (Libras) through ELiS, contributing to future translators who want to expand this project. The purpose of these translations is help children in the initial phase of sign language learning by producing learning material, such as a collection of translated strips, using, in writing, a language that bridges between non-standard signals and standardized signals, in order to insert the child into school without leaving her feeling a stranger. The theoretical framework explores in detail the ELiS, a system created by Barros (2015); then discusses the cultural features that involve grammatical construction in the Portuguese/Libras pair with Quadros & Karnopp (2004); all technical procedures characterized by Barbosa (1990), which will be useful to comment on the translations produced as a result of this work; and finally discusses the textual genre of our object of study with Ramos (2009).

Keywords: Libras; Sign Writing; ELiS; Translation of strips; Monica's Gang.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Pictograma (Sintético).....	22
Figura 2 - Escrita Chinesa (Analítica).....	22
Figura 3 - Escrita Japonesa (Silábica).	23
Figura 4 - Escrita Grega (Alfabética).....	23
Figura 5 - Mimographie de Bébien, 1825	24
Figura 6 - Notações de Stokoe, 1960.....	24
Figura 7 - Notações de François Neve, 1996.....	25
Figura 8 - HamNoSys, 1987.....	26
Figura 9 - SignWriting, 1974	27
Figura 10 - Números em SEL, 2011.....	27
Figura 11 - Formação de palavra em SEL, 2011.....	27
Figura 12 - Sinal TRABALHAR	30
Figura 13 - Exemplo de Aclimatação.	44
Figura 14 - Formato do balão para se comunicar em Libras	48
Figura 15 - Configurações de Mão não marcadas (BASCO15).....	51
Figura 16 - Sinal FORTE com CM marcada.....	53
Figura 17 - Sinal FORTE com CM em “5”	53
Figura 18 - Sinal MAIS-DO-QUE com CM marcada.....	53
Figura 19 - Sinal MAIS-DO-QUE com CM em “1”.	53
Figura 20 - Sinal MÔNICA com CM marcada.....	54
Figura 21 - Sinal MÔNICA com CM em “B”.....	54
Figura 22 - Tradução da tirinha 01 do Cebolinha	54
Figura 23 - Sinal TRISTE com CM marcada.	57
Figura 24 - Sinal TRISTE com CM em “5”.....	57
Figura 25 - Sinal LEMBRAR com CM marcada.....	57
Figura 26 - Sinal LEMBRAR com CM em “1”.	57
Figura 27 - Sinal EMPRESTAR com CM marcada.....	57

Figura 28 - Sinal EMPRESTAR com CM em “1”	57
Figura 29 - Tradução da tirinha 02 do Cebolinha	58
Figura 30 - Sinal PONTE com CM marcada	60
Figura 31 - Sinal PONTE com CM em “1”	60
Figura 32 - Sinal VER com CM em “1”	60
Figura 33 - Sinal VER com CM em “V”	60
Figura 34 - Tradução da tirinha 03 do Cebolinha	61
Figura 35 - Configurações de Mão de CLs.....	63
Figura 36 - Gesto SUOR-NA-TESTA	64
Figura 37 - Tradução da tirinha 01 do Chico Bento	65
Figura 38 - Sinal/Classificador PASSARINHO	67
Figura 39 - Sinal/Classificador ELEFANTE	67
Figura 40 - Sinal CORAÇÃO.....	67
Figura 41 - Classificador CORAÇÃO	67
Figura 42 - Tradução da tirinha 02 do Chico Bento	68
Figura 43 - Sinal/Classificador DORMIR.....	70
Figura 44 - Sinal/Classificador DIA-TODO	70
Figura 45 - Tradução da tirinha 03 do Chico Bento	71
Figura 46 - Humberto em: Aprendendo a falar com as mãos!	79

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Síntese da escrita	22
Quadro 2 - Sinal TRABALHAR em ELiS	30
Quadro 3 - Tradução Literal.....	35
Quadro 4 - Exemplo de Tradução Palavra por Palavra	37
Quadro 5 - Exemplo de tradução mais adequada	38
Quadro 6 - Exemplo de Tradução Literal	38
Quadro 7 - Exemplo de Transposição.....	39
Quadro 8 - Exemplo de Modulação.....	40
Quadro 9 - Exemplo de Equivalência.....	40
Quadro 10 - Exemplo de Explicitação	41
Quadro 11 - Exemplo de Compensação	42
Quadro 12 - Exemplo de Reconstrução de Períodos	43
Quadro 13 – Exemplo de Melhorias.....	43
Quadro 14 – Exemplo de Transliteração.....	44
Quadro 15 – Exemplo de Transferência com Explicação.....	45
Quadro 16 – Exemplo de Decalque	46
Quadro 17 – Exemplo de Adaptação	47

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Configuração de Dedos	30
Tabela 2 - Orientação da Palma	30
Tabela 3 - Ponto de Articulação.....	30
Tabela 4 – Movimento	31
Tabela 5 - Tirinha 01 do Cebolinha	52
Tabela 6 - Tirinha 02 do Cebolinha	55
Tabela 7 - Tirinha 03 do Cebolinha	59
Tabela 8 - Tirinha 01 do Chico Bento.....	63
Tabela 9 - Tirinha 02 do Chico Bento.....	66
Tabela 10 - Tirinha 03 do Chico Bento.....	68

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACT – Ação
ASL – American Sign Language
BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CD – Configuração de dedo
CLs – Classificadores
CM – Configuração de mão
CO – Configuração
ENM – Expressões não manuais
ELiS – Escrita das línguas de sinais
INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos
ISN – Idioma de Señas de Nicaragua
LC – Língua de Chegada
Libras – Língua Brasileira de Sinais
LO – Língua Oral
LO – Língua Original
LO – Localização
LS – Língua de Sinais
LT – Língua Traduzida
M – Movimento (*Conforme o autor citado. Há variações.*)
MLMov – Mão, Locação e Movimento
Mov – Movimento (*Conforme o autor citado. Há variações.*)
OP – Orientação da palma
ORI – Orientação
OSV – Objeto-Sujeito-Verbo
PA – Ponto de articulação
POSTRAD – Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução
SEL – Sistema de Escrita para Línguas de Sinais
SOV – Sujeito-Objeto-Verbo
SVO – Sujeito-Verbo-Objeto
TCC – Trabalho de Conclusão de Curso
TLO – Texto da Língua Original
TLT – Texto da Língua Traduzida
UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UFC – Universidade Federal do Ceará
UFG – Universidade Federal de Goiás
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina
UnB – Universidade de Brasília
USP – Universidade de São Paulo
UT – Unidade de Tradução
VOS – Verbo-Objeto-Sujeito

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1. METODOLOGIA	20
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	21
2.1. A ESCRITA	22
2.1.1. Síntese da divisão da escrita.....	22
2.1.2. As escritas de sinais	23
2.1.3. História da ELiS (Escrita das Línguas de Sinais)	28
2.1.4. Estrutura da ELiS.....	29
2.2. TEORIAS DE TRADUÇÃO	33
2.2.1. Tradução do par português/Libras (Língua brasileira de sinais)	34
2.2.2. Procedimentos tradutórios	36
2.3. GÊNERO TEXTUAL: TIRINHAS	47
3. TRADUÇÃO COMENTADA	49
3.1. TIRINHAS DO CEBOLINHA	49
3.1.1. Análise da tirinha 01 do Cebolinha	52
3.1.2. Análise da tirinha 02 do Cebolinha	55
3.1.3. Análise da tirinha 03 do Cebolinha	59
3.2. TIRINHAS DO CHICO BENTO	62
3.2.1. Análise da tirinha 01 do Chico Bento	63
3.2.2. Análise da tirinha 02 do Chico Bento	66
3.2.3. Análise da tirinha 03 do Chico Bento	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	74
ANEXO	78

INTRODUÇÃO

Esta dissertação de mestrado consiste na tradução comentada de algumas tirinhas da Turma da Mônica, de Maurício de Sousa, especificamente de dois personagens, Cebolinha e Chico Bento, pois ambos utilizam uma fala marcada, cada qual com sua característica, a ser descrita ao longo do trabalho. A escolha desse *corpus* se deu pela delimitação do público-alvo, objetivo e finalidade dessas traduções.

Considerando um cenário de Educação Bilíngue para o surdo, o público-alvo da tradução são as crianças surdas que, supostamente, estão em fase de alfabetização da escrita em sua própria língua, que, neste trabalho, será usada como ferramenta, a Escrita das Línguas de Sinais (ELiS). A escolha de traduzir tirinhas foi devida à relação texto-imagem que esse gênero textual apresenta. A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é uma língua visual, e sendo o público-alvo as crianças em fase de alfabetização escrita, nada melhor do que vincular texto e imagem para estimular o aprendizado delas.

O aluno surdo aprendendo e discutindo sobre sua língua, principalmente na modalidade escrita, estará mais maduro para o papel da escrita e seus usos sociais para, a partir daí, aprender e refletir numa segunda língua. Logo, o uso da escrita da língua de sinais é fundamental em escolas para alunos surdos. (AGUIAR, CARNEIRO, MIRANDA, 2014, p. 1056)

O objetivo deste trabalho é traduzir as tirinhas do português para a Libras por meio da ELiS, contribuindo com os futuros tradutores que queiram ampliar este projeto. A finalidade dessas traduções é auxiliar as crianças surdas na fase inicial por meio da produção de um material didático. Como uma coletânea de tirinhas traduzidas, utilizando a escrita como uma linguagem que faça ponte entre os sinais não padronizados e os sinais padronizados, a fim de inserir a criança na escola sem deixá-la se sentindo uma estranha.

Nesse sentido, o problema de pesquisa é: Como traduzir a dislalia do Cebolinha e o dialeto do Chico Bento sem perder o chiste e os detalhes linguísticos e culturais que caracterizam uma fala? Tais traduções envolvem o par linguístico português/Libras, ambas as línguas reconhecidas por lei no território brasileiro, mas executadas em modalidades diferentes, oral-auditiva e gesto-visual, respectivamente. Segundo Santiago:

É essencial reconhecer que aproximar essas duas línguas de estruturas diferentes não é uma tarefa fácil, pois nas línguas de sinais estão presentes diferentes elementos linguísticos como *expressões não manuais* (corpo e face) e a “incorporação” que não se apresentam da mesma forma na modalidade oral-auditiva e que não estão gramaticalmente descritas a ponto de possibilitar uma perfeita aproximação. (2012, p. 37)

Por se tratar de uma língua gesto-visual, a Libras, geralmente, é registrada por meio de vídeos (SEGALA, 2010). Neste trabalho, as traduções estarão registradas no formato escrito, utilizando um sistema de escrita das línguas de sinais, a ELiS, desenvolvida por Barros (2008).

A comunidade surda ainda não está habituada a utilizar um sistema de escrita próprio, mas por acreditar na importância e eficácia de uma alfabetização, por meio de uma escrita própria para o desenvolvimento cognitivo do indivíduo surdo, surgiu-nos a ideia de fazer essas traduções.

Existem várias formas de escrita, mas nenhuma foi adotada oficialmente por toda a comunidade surda brasileira. A mais conhecida é a internacional, *SignWriting*, utilizada no sul do Brasil, principalmente na Universidade Federal de Santa Catarina. A ELiS tem a sua criação mais recente, mas já é conhecida no Centro-Oeste e ensinada em várias universidades federais da região. A SEL (Sistema de Escrita para Línguas de Sinais) mais recente ainda, foi criada no sudoeste da Bahia e também vem conquistando seus adeptos. A escolha do sistema ELiS é devida ao fato de ser mais concisa e linear, principalmente para se adequar ao espaço destinado à tradução, que é apenas um pequeno balão de fala dentro de uma tirinha.

Calvet (2007), ao discutir políticas linguísticas, sugere formas de equipar cada nova língua de alfabetização/ensino, e o primeiro passo é muni-la de um sistema de escrita, com auxílio de um linguista no trabalho de descrição fonológica, de escolhas lexicais, ortográficas e do alfabeto. A escrita também precisa respeitar a cultura de seus falantes, e a comunidade ágrafa precisa se identificar com a nova simbologia.

A Libras não é uma língua ágrafa, mas funciona como se fosse, pois os sistemas desenvolvidos ainda necessitam passar pelas políticas linguísticas e pela aprovação dos usuários, como Gesser (2009) retrata em seu livro ao citar, inclusive, que um dos mitos é que a língua de sinais não tem uma gramática própria e é ágrafa.

A comunidade surda brasileira conquistou, em 24 de abril de 2002, a Lei nº 10.436, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras – como uma língua oficial. A Libras não substitui a Língua Portuguesa, conforme o Artigo 4º, parágrafo único, diz: “A Língua Brasileira de Sinais, Libras, não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa.” A proposta de um sistema de escrita para essa nova língua não é substituir o português, mas auxiliar o surdo na fase escolar com uma escrita que corresponda à estrutura gramatical e à lógica de sua língua.

Outro aspecto importante da escrita é a padronização e o fortalecimento do convívio social entre as comunidades em um território tão vasto como o Brasil.

A escrita (...) consiste num sistema uniforme que serve para grafar as muitas variedades da língua, permitindo uma base segura de comunicação entre falantes de variedades diferentes. Se não fosse essa unidade, a grafia perderia sua utilidade como sistema de representação da língua falada. (FARACO, 2003)

Na educação dos surdos, principalmente na dos surdos mais velhos, nota-se certa dificuldade na leitura e na escrita do português, em alguns casos existe até uma rejeição a qualquer tipo de escrita. Isso se deve a fatores históricos. Lacerda (1998) registra em seu artigo duas correntes, “Oralismo” e “Gestualismo”; a primeira exige que os surdos se reabilitem, que superem sua surdez, que falem e, de certo modo, que se comportem como se não fossem surdos; a segunda corrente é mais tolerante diante das dificuldades do surdo com a língua falada e é capaz de ver que os surdos desenvolvem uma linguagem, ainda que diferente da oral, eficaz para a comunicação e que lhes abre portas para o conhecimento.

O Congresso de Milão, em 1880, ficou marcado por ter iniciado a era oralista, “votaram por aclamação a aprovação do uso exclusivo e absoluto da metodologia oralista e a proscrição da linguagem de sinais” (LACERDA, 1998). Em obediência à proibição do uso da linguagem de sinais por quase um século, na educação dos surdos, o resultado não mostrou sucesso; o desenvolvimento na leitura, na escrita e na vida escolar era baixíssimo, provando o insucesso pedagógico dessa abordagem (JOHNSON et al. 1991, FERNANDES 1989 *apud* LACERDA, 1998). Após a Segunda Guerra Mundial, com as descobertas tecnológicas, surge a possibilidade de colocar prótese nas crianças surdas e a possibilidade de cura, o “Ouvintismo” ainda estava bem marcado e prevalecia em relação à minoria surda.

Somente na década de 1960, começaram a surgir estudos sobre as línguas de sinais. William Stokoe (1978), professor na Universidade Gallaudet¹, considerado o pai da linguística das línguas de sinais, ao estudar a Língua de Sinais Americana (ASL), encontra uma estrutura semelhante a das línguas orais e argumenta que é possível formar vários sinais (palavras) a partir dos queremas² (fonemas). Foi ele também que propôs os três parâmetros básicos da formação do sinal: configuração das mãos, localização do sinal e tipo de movimento executado ao realizar o sinal.

Esses estudos iniciais e outros que vieram após o pioneiro trabalho de Stokoe revelaram que as línguas de sinais eram verdadeiras línguas, preenchendo em grande parte os requisitos que a linguística de então colocava para as línguas orais. (LACERDA, 1998)

¹ A Universidade Gallaudet é a única universidade do mundo cujos programas são desenvolvidos para as pessoas surdas. Localizada em Washington, D.C. – EUA, foi inaugurada em 1857 por Edward Miner Gallaudet, filho de Thomas Hopkins Gallaudet, fundador da primeira escola para surdos nos Estados Unidos. Endereço eletrônico da universidade: <http://www.gallaudet.edu/>.

² Querema foi um termo criado por Stokoe (1978) para se referir a unidade mínima de formação dos sinais, assim como o fonema é a unidade mínima para a formação das palavras nas línguas orais.

Com isso, a educação dos surdos tomou um novo rumo. Surgiu na década de 1970 a Comunicação Total, que permite o uso de vários tipos de *inputs* para estimular o aprendizado do indivíduo surdo. Não foi colocado um fim no Oralismo: ele era um dos estimuladores no aprendizado, mas não era o único, pois a linguagem de sinais também era permitida. Lacerda (1998) mostra os resultados das análises avaliativas feitas por estudiosos de 1970 e 1980:

Em relação à escrita, os problemas apresentados continuam a ser muito importantes, sendo que poucos sujeitos alcançam autonomia nesse modo de produção de linguagem. Observam-se alguns poucos casos bem-sucedidos, mas a grande maioria não consegue atingir níveis acadêmicos satisfatórios para sua faixa etária. Em relação aos sinais, estes ocupam um lugar meramente acessório de auxiliar da fala, não havendo um espaço para seu desenvolvimento. Assim, muitas vezes, os surdos atendidos segundo essa orientação comunicam-se precariamente, apesar do acesso aos sinais. É que esse acesso é ilusório no âmbito de tais práticas, pois os alunos não aprendem a compreender os sinais como uma verdadeira língua, e desse uso não decorre um efetivo desenvolvimento linguístico. Os sinais constituem um apoio para a língua oral e continuam, de certa forma, "quase interditados" aos surdos.

Paralelo a isso, os estudos acerca das línguas de sinais foram se intensificando, e surgiu o modelo de Educação Bilíngue, que defende a língua de sinais, por ser gesto-visual, como a língua natural dos surdos. Esse modelo difere do Oralismo, pois aceita os sinais; e difere da Comunicação Total, pois coloca a língua de sinais no palco, como a única capaz de desenvolver intelectualmente uma pessoa surda. A proposta bilíngue é possibilitar ao surdo o primeiro contato com a sua língua natural e, somente em seguida, partir para o aprendizado de uma língua oral.

Devido a essa nova proposta, as crianças surdas estão tendo mais oportunidades cognitivas. E é pensando nessas crianças que vivenciam uma escola bilíngue no Brasil, com oportunidade de ter um aprendizado em sua língua natural, que direcionamos o escopo deste projeto de tradução, pois elas precisarão de materiais produzidos em escrita de sinais para serem alfabetizadas em sua língua antes de aprender o português oral e escrito.

As traduções das tirinhas dos personagens Cebolinha e Chico Bento, do português para a Libras por meio da ELiS, serão analisadas, segundo os procedimentos técnicos de Barbosa (1990), com o objetivo de testar a aplicabilidade deles nesse par linguístico, levando em conta o ensaio de Santiago (2012) que propõe os equivalentes dos procedimentos técnicos no par linguístico português/Libras.

Esperamos contribuir para os estudos da tradução, para a comunidade surda que está em constante luta para avançar e se adaptar aos novos contextos, bem como para o aprendizado da ELiS, que ainda precisa ser aceita por muitos da comunidade surda.

1. METODOLOGIA

Com a finalidade de obter maior número de informações sobre o tema escolhido, foi realizada uma pesquisa em bancos de dados *online* para encontrar trabalhos que pudessem ser compatíveis com os assuntos que serão abordados nesta dissertação. Para isso, foram consultados os seguintes *sites* de pesquisa: a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e os repositórios da Universidade de Brasília (UnB), da Universidade Federal do Ceará (UFC), da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Essas universidades foram escolhidas como fonte de pesquisa por terem os programas de Mestrado em Estudos da Tradução; entre essas, somente a USP e a UFSC têm também o programa de Doutorado na área.

Utilizando o filtro de pesquisa com as palavras "Tradução", "Libras", "Escrita de Sinais" e "ELiS", os bancos de dados da UFC e USP não retornaram nenhuma pesquisa. A UnB retornou um trabalho que em sua abordagem trata do ensino de português para surdos e menciona a pesquisa acerca da escrita de sinais apenas uma vez, mas é referente à *SignWriting* e não ELiS.

Os bancos da UFSC e BDTD retornaram três trabalhos cada um. O da UFSC contém o trabalho de dissertação de Barros (2008), que criou a ELiS e que será mencionado durante a apresentação da escrita; contém um segundo trabalho que utiliza a *SignWriting* para escrever os sinais dos personagens da Branca de Neve e menciona a ELiS apenas como mais um tipo de escrita, mas não adentra questões tradutórias de um texto completo em escrita de sinais; e um terceiro trabalho, que investiga apenas a *leitura* em escrita de sinais e não aborda as questões de *tradução*.

No BDTD, os três trabalhos encontrados são oriundos da UnB, das áreas da terminologia e lexicografia, com o foco na ordenação dos termos e na criação de glossários, utilizando a ELiS ou *SignWriting* como forma de registro do sinal e não como foco na abordagem da escrita das línguas de sinais.

Assim sendo, a pesquisa por nós desenvolvida é caracterizada por um elevado grau de originalidade, o que dificulta a busca em termos de referenciais teóricos. Por isso, a pesquisa percorrerá durante seu desenvolvimento várias teorias que ao primeiro olhar parecem distintas, mas que servirão de elo à conclusão do trabalho.

Há também um trabalho similar sendo desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução (POSTRAD)/UnB, cuja abordagem envolve a tradução literária dos trocadilhos do livro *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, do português para a Libras. Apesar de não ser escrito em ELiS, nem em outra escrita de sinais, e de ter sua proposta final por meio de foto/registro, é similar no que tange as soluções criativas para

os trocadilhos de Lewis Carroll. No presente trabalho, solucionar o “falar” do Cebolinha e do Chico Bento exigiu o mesmo tipo de esforço criativo.

As traduções de nossa pesquisa foram desenvolvidas durante a disciplina “Oficina de Tradução Literária”, ministrada pelo professor Dr. Eclair Antônio Almeida Filho, que, além de passar por questões teóricas, é uma disciplina bem prática e envolve análise crítica da própria tradução. Finalizadas as traduções, realizadas empiricamente, análises e comentários serão discorridos em favor da solução proposta, na seção “3. Tradução Comentada”.

Este escrito é uma ampliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC): ‘Traduzindo o dialeto do personagem Chico Bento do português para Libras por meio da ELiS’, apresentado no ‘I Seminário de Trabalho de Conclusão de Curso - Letras: Tradução e Interpretação em Libras/português’ no dia 30 de novembro de 2017 e publicado na Revista Sinalizar em junho de 2018. Esse TCC discorreu sobre a solução tradutória do dialeto do Chico Bento e analisou as traduções com a tabela de Nord (1991). Nesta dissertação, além de incluir outro personagem, o Cebolinha, serão desenvolvidas as análises, segundo os procedimentos técnicos de Barbosa (1990) e segundo as definições de Santiago (2012), que propõe os equivalentes dos procedimentos técnicos no par linguístico português/Libras.

Várias traduções passaram, informalmente, pelo olhar de uma surda também mestranda do POSTRAD/UnB. Faz parte da comunidade surda e tem a Libras como língua-mãe, então ela tem mais propriedade para dizer se as transformações propostas como sinais que representam a fala dos dois personagens são realmente permitidas em Libras e se comunicam o sentido correto para ficar compatível com cada personagem.

Durante conversa informal, a surda contou que um sobrinho surdo, ainda criança, e que está aprendendo Libras, produz os sinais com a configuração de mão não marcada, confirmando a pesquisa que será apresentada mais adiante. Relatou também várias formas possíveis de configuração utilizadas pelo sobrinho, que serviram de base para as traduções do Cebolinha. Verificações de usabilidade das traduções devem ser analisadas em futuros trabalhos que deem continuidade a esse projeto inicial.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo desenvolve e explora as teorias que trabalharemos na tradução. Conta brevemente sobre os tipos de escrita em geral e as escritas de sinais existentes; explora detalhadamente a ELiS, sistema escolhido para as nossas traduções; em seguida discute as características culturais que envolvem o par linguístico português/Libras; esmiúça todos os procedimentos técnicos caracterizados por Barbosa (1990), os quais serão úteis para

comentar as traduções produzidas como resultado deste trabalho; e, por último, discorre sobre o gênero textual do nosso objeto de estudo.

2.1. A ESCRITA

2.1.1. Síntese da divisão da escrita

Higounet (2003) classifica as escritas do mundo em três tipos: sintética, analítica e fonética. A escrita sintética é aquela em que “um sinal ou um grupo de sinais serviu para sugerir uma frase inteira ou as ideias contidas numa frase” (p. 13 *apud* BARROS 2015, p. 22); esquimós, índios da América do Norte, maias e astecas já utilizavam esse tipo de escrita. A escrita analítica afunila a estrutura frasal e utiliza a representação de uma palavra inteira; exemplo de escritas que utilizam a forma analítica são a suméria, a egípcia e a chinesa. A escrita fonética se divide em duas: silábica e alfabética. A escrita silábica representa a consoante e a vogal em apenas um símbolo como na escrita japonesa. E a escrita alfabética desenvolvida pelos fenícios distingue vogal e consoante e é utilizada por vários povos até hoje.

Sintética	Analítica	Fonética	
		Silábica	Alfabética
Esquimós, índios da América do Norte, maias e astecas.	Suméria, egípcia e chinesa.	Japonesa.	Utilizada por vários povos até hoje. Romana, latina etc.

Quadro 1 – Síntese da escrita – Fonte: Elaboração própria



Figura 1 – Pictograma (Sintético) – Fonte: <http://museologia2010paleografia.blogspot.com.br/2013/01/formas-embrionarias-de-escrita.html>



Figura 2 – Escrita Chinesa (Analítica) – Fonte: <https://www.pinterest.pt/pin/817333032345713859/?lp=true>

あ	か	さ	た	な	は	ま	や	ら	わ
A	KA	SA	TA	NA	HA	MA	YA	RA	WA
い	き	し	ち	に	ひ	み		り	
I	KI	SHI	CHI	NI	HI	MI		RI	
う	く	す	つ	ぬ	ふ	む	ゆ	る	を
U	KU	SU	TSU	NU	FU	MU	YU	RU	WO
え	け	せ	て	ね	へ	め		れ	
E	KE	SE	TE	NE	HE	ME		RE	
お	こ	そ	と	の	ほ	も	よ	ろ	ん
O	KO	SO	TO	NO	HO	MO	YO	RO	N

Figura 3 – Escrita Japonesa (Silábica) – Fonte: <http://aulasdejapones.com.br/alfabeto-japones/>

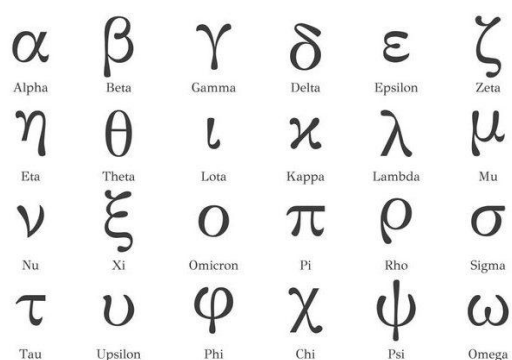


Figura 4 – Escrita Grega (Alfabética) – Fonte: <http://oficinasdealfabetizacao.blogspot.com.br/2017/10/>

2.1.2. As escritas de sinais

Neste tópico, serão explorados os modelos de escrita de sinais existentes a partir de um levantamento histórico encontrado em diversas fontes: artigo (AGUIAR, CHAIBUE, 2015), dissertação (BARROS, 2008), página *online* (QUADROS, 1999) e blog (LESSA-DE-OLIVEIRA, 2012).

A Mimographie de Bébien é o primeiro trabalho de que se tem registro a respeito de uma escrita de sinais, foi criado no início do século XIX. Roch Ambroise Auguste Bébien (1789-1839) nasceu em Point-à-Pitre, Guadalupe, e estudou em Paris, onde seu padrinho tinha uma escola de surdos. Com essa oportunidade, aprendeu a língua de sinais local e desenvolveu uma estratégia de ensino melhor do que a que existia, pois encontrou falhas pedagógicas na metodologia usada. Em 1834, retornou a Guadalupe e fundou a primeira escola pública do país. O sistema de Bébien é composto por 190 símbolos, escritos da esquerda para a direita seguindo a ordem: Forma e Orientação da Mão, Movimento, Lugar e Expressão Facial.

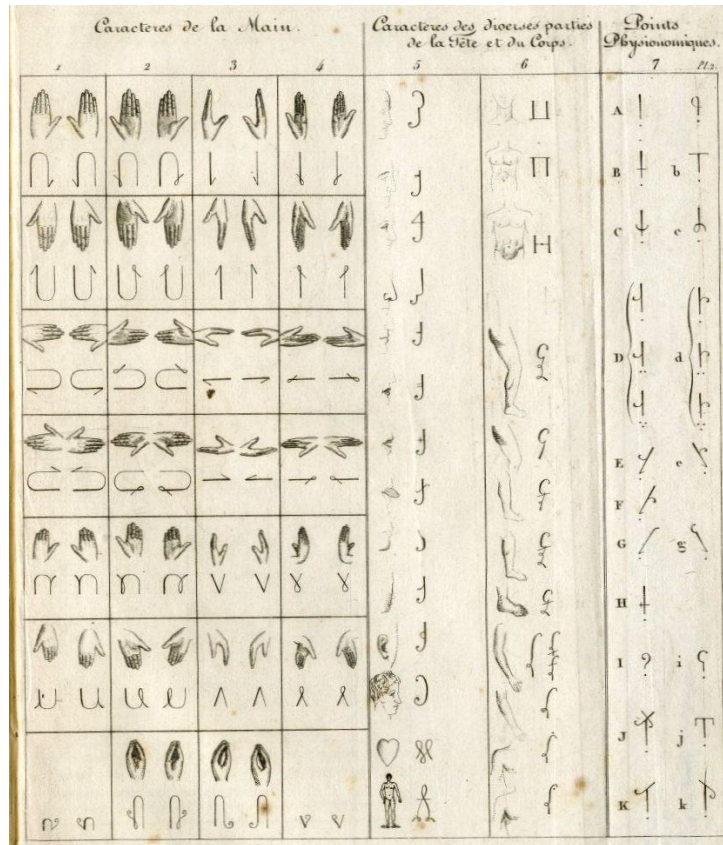


Figura 5 – Mimographie de Bébien, 1825 – Fonte: <http://www.signwriting.org/symposium/presentation0068.html>.

O sistema de notação de Stokoe, criado em 1960, tem alguns símbolos semelhantes aos de Bébien, mas Stokoe afirma não ter sido influenciado por essas formas. Com a finalidade de atender a uma necessidade particular dele, de escrever os sinais, Stokoe, junto com uma equipe de linguistas da Universidade Gallaudet, criou um sistema de notação para a ASL (American Sign Language) composto por cinco elementos: lugar de realização do sinal, com 12 símbolos; as configurações de mão, com 10 símbolos; os movimentos indicando ação, com 22 símbolos; a orientação, com quatro símbolos; e sinais diacríticos, com dois símbolos.

$B_a B_a^{z\sim}$ $\ddot{N}\ddot{N}^{\dot{a}}$ 3^\perp $[\] / C^\dagger / C_x^\vee$ $\} Y^\circ$ $/ G_\lambda < v <$
 \bar{B}_a \mathcal{B}_λ \mathcal{W} G^\perp B_λ' B_λ^\ddagger $D \dot{A}^{\otimes x}$ \underline{B}_D B_D^\perp
 G^\triangleright $\wedge \dot{S}^x$ $[\] / C^\dagger / C_x^\vee$ $X_1 X_1 \dot{a}$ B_T V_D^\vee
 \bar{B}_a $L^\#$ $X_1 X_1 \dot{a}$

Figura 6 – Notações de Stokoe, 1960 – Fonte: <http://www.signwriting.org/forums/linguistics/ling006.html>.

O sistema de notação de François Neve (1996) criado na Universidade de Liège, Bélgica, é mais completo e foi derivado do sistema de Stokoe. Os símbolos são escritos na vertical seguindo a ordem: configuração (CO), localização (LO), orientação (ORI) e ação (ACT). Quando o sinal é realizado com uma mão, escreve-se apenas em uma coluna; quando o sinal é realizado com as duas mãos, escreve-se em duas colunas.



















1-2-3-4-5-20		Como em datilologia	
A-B-C-D-E-F-G-I-L-M-N-O			
P-Q-R-S-T-U-V-W-X-Y-Z			
	Bico de pardal		Asas de águia
	Cabeça de elefante		Garra de urso
	Piça		Colher
	Chave		Plano
	Prego		Colina
	Pistola		Cabrto
	Cornos		Percevejo
	Lhama		Bico de pato
	Duplo colchete		Guelá de crocodilo

Figura 7 – Notações de François Neve, 1996
 Fonte: <http://www.signwriting.org/brazil/brazil07.html>.

O HamNoSys (Hamburg Sig Language Notation System) com mais ou menos 200 símbolos, sistema de transcrição fonética também inspirado na proposta de Stokoe, foi criado em 1987 por Prillwitz e seus colaboradores na Universidade de Hamburgo, Alemanha. Há uma versão digital que facilita a composição em um computador e é também um sistema muito utilizado em dicionários de línguas de sinais. É um sistema econômico com símbolos icônicos.

Goldilocks & The Three Bears in HamNoSys		Susanne Bentele/10/10/1999
(written for a right handed signer)		
[I had a few difficulties not knowing the ASL citation forms; I might have transcribed unimportant features (movements, locations, etc.). I put facial expressions in a separate column. As of yet there is no standardized way of notating facial expressions; usually the movement of eyebrows or head is included in the movement section with the hands.]		
.. 𐀀𐀁𐀂𐀃𐀄	what	[𐀀 𐀁]
.. 𐀅𐀆𐀇𐀈 [𐀉 𐀊]	quote	[𐀀 𐀁]
𐀋𐀌𐀍	three	[[𐀎] [𐀏] [𐀐]]
.. 𐀑𐀒𐀓𐀔𐀕𐀖	bears	
𐀗𐀘𐀙𐀚𐀛𐀜𐀝 [𐀞 𐀟] [𐀠 𐀡] [𐀢 𐀣] [𐀤 𐀥] [𐀦 𐀧] [𐀨 𐀩]	Goldilocks	
𐀪𐀫𐀬 [𐀭 𐀮]	somewhere wandering	[𐀯 𐀰]
: 𐀱 [𐀲 𐀳] [𐀴 𐀵] [𐀶 𐀷] [𐀸 𐀹] [𐀺 𐀻] [𐀼 𐀽]	deep forest	[𐀯 𐀰]
𐀾𐀿 [𐁀 𐁁] [𐁂 𐁃]	somewhere wandering	
𐁄𐁅 [𐁆]	oh! look! there!	[𐀀 𐀁]
.. 𐁇𐁈𐁉𐁊	house	
[𐁋𐁌𐁍𐁎] [𐁏] [𐁐]	sitting on a hill	[𐀀 𐀁]
𐁑 [𐁒𐁓] [𐁔] [𐁕]	enter	[𐀎]
𐁖𐁗	there (index)	[𐀑]
𐁘𐁙 [𐁚] [𐁛]	papa	
.. 𐁜𐁝𐁞𐁟𐁠	bear	
.. 𐁡𐁢 [𐁣 𐁤]	open newspaper	[𐀑] [𐀒] [𐀓]
[𐁥𐁦𐁧𐁨] [𐁩] [𐁪]	read	[𐀑] [𐀒] [𐀓]
[𐁫𐁬𐁭𐁮] [𐁯] [𐁰] [𐁱]	newspaper	
.. 𐁲𐁳 [𐁴 𐁵]	open newspaper	[𐀑] [𐀒] [𐀓]

Figura 8 – HamNoSys, 1987 – Fonte:
<http://www.signwriting.org/forums/linguistics/ling007.html>.

O *SignWriting* surgiu a partir de um convite da Universidade de Copenhagen, Dinamarca, à coreógrafa estadunidense Valerie Sutton em 1974. Sutton utilizava um sistema escrito para representar os seus movimentos na dança, o *DanceWriting*; por isso despertou a curiosidade dos pesquisadores da língua de sinais dinamarquesa que estavam à procura de uma forma de escrever os sinais. Então, ela desenvolveu um sistema escrito para os movimentos das mãos, contendo mais de 1900 símbolos, que são dispostos de maneira bem icônica. Na região Sul do Brasil, algumas escolas bilíngues adotam o ensino desse sistema de escrita para os surdos, e também na UFSC e no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), no Rio de Janeiro, são ensinadas e desenvolvidas pesquisas sobre o *SignWriting*.

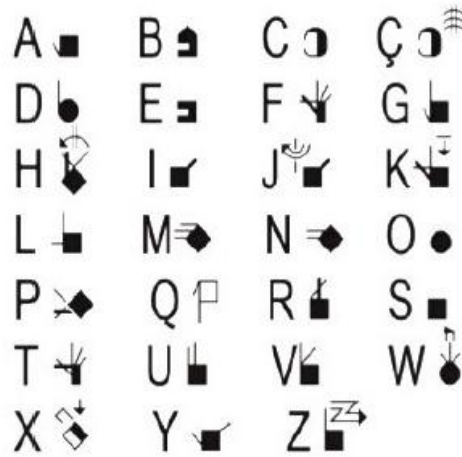


Figura 9 – SignWriting, 1974 – Fonte: <http://www.institutomemoria.com.br/detalhes.asp?id=339>.

A escrita SEL é um sistema de escrita para as línguas de sinais, desenvolvido pela professora Dr^a. Adriana S. C. ‘Lessa-de-Oliveira’, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil. O projeto foi iniciado em 2009 e testado em maio de 2011. Após essa data, várias versões atualizadas foram surgindo, sendo a última versão a de 2017. Os símbolos dessa escrita foram denominados em unidades de MLMov, que são os elementos que as constituem em macrossegmentos: mão; locação (ou localização); e movimento. Esse sistema foi desenvolvido especialmente para a Libras, mas poderá ser utilizado, sem adaptações, para escrever outras línguas de sinais.



Figura 10 – Números em SEL, 2011 – Fonte: <http://sel-libras.blogspot.com.br/p/1-cardinais-os-sinais-seguir-sao-os.html>.

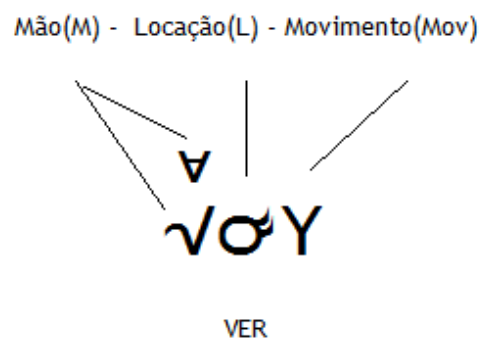


Figura 11 – Formação de palavra em SEL, 2011
Fonte: http://sel-libras.blogspot.com.br/p/blog-page_13.html.

2.1.3. História da ELiS (Escrita das Línguas de Sinais)

Este tópico é um resumo histórico fundamentado no livro de Barros (2015), criadora da ELiS (Escrita das Línguas de Sinais). Dr^a. Mariângela Estelita Barros é atualmente professora na Universidade Federal de Goiás (UFG). Dentro da divisão da escrita Barros (2015, p. 36) classifica o sistema ELiS no grupo das escritas alfabéticas:

Dizer que a ELiS tem uma estrutura de base alfabética significa dizer que seus símbolos gráficos representam, “bem ou mal”, visemas³ das línguas de sinais (LS). Os símbolos representativos de visemas, nesse sistema, podem ser denominados mais tecnicamente como visografemas, ou seja, unidades mínimas (-ema) escritas (graf-) dos visemas (vis-), uma nomenclatura específica para a escrita dos elementos das LS, ou simplesmente como letras.

A ELiS é uma ferramenta de escrita dividida em três fases: a criação durante o mestrado na UFG em 1998; a verificação teórica e prática da proposta realizada no doutorado na UFSC em 2008; e o uso e a implantação/divulgação, fase atual.

A criação se deu pela necessidade de Barros em registrar os sinais que aprendia durante a aula de Libras, estratégia que, para ela, facilitava o aprendizado das línguas, por ser uma língua de modalidade diferente da habitual modalidade oral, de modo que uma inquietude surgia em não poder escrever em Libras, pois “a anotação não seria feita em Libras, o que a tornava muito extensa e inexata, pois precisaria ser uma descrição em português, um desenho, ou algo que me servisse de recurso mnemônico para o que estava aprendendo com grande dificuldade.” (BARROS, 2015, p. 16)

A fim de suprir essa inquietude, iniciou durante o mestrado a criação de alguns símbolos, um para cada sinal em Libras, mas ao elaborar 280, Barros chegou a um esgotamento criativo e decidiu partir para um modelo com base alfabética em que pudesse fazer combinações a partir de elementos mais concisos. Em visita à Universidade Gallaudet, nos Estados Unidos, em 1997, Barros conheceu o *SignWriting*, de Valérie Sutton, e o sistema de notação de William Stokoe, ambos citados na seção anterior. O sistema de notação de Stokoe (1965), com sua base alfabética, linear e econômica influenciou na criação da ELiS.

A fase de aperfeiçoamento iniciou-se no doutorado, fase em que remodelou os símbolos que havia copiado de Stokoe, pois durante os estudos verificou a necessidade de

³ “Os símbolos do alfabeto ELiS, em vez de representarem ‘os sons elementares de uma linguagem’, representam os *visemas* elementares de uma língua. Crio aqui o termo “visema” em equivalência ao termo fonema. Sendo o fonema uma unidade sonora de uma língua oral (LO), visema passa a ser uma unidade visual de uma LS. Em extensão a esse novo termo, utilizo *visêmico*, onde para as LO se diz *fonológico*; *visético*, no lugar de *fonético*; *viso*, ao invés de *fone*”. (BARROS, 2015, p. 25)

simplificar os símbolos, que estavam rebuscados demais. Outra evolução ocorreu na sigla que denomina a escrita, que inicialmente era *AlfaSig* (alfa de alfabético, e sig de signum), depois *QuiroSig* (Quiro, relativo a mão) e *ScripSig* (Scrip, relativo à escrita). Mas não contente com os nomes, abandonou o latim e o grego e partiu para a sigla em português, ELiS – Escrita das Línguas de Sinais, sendo que o “i” minúsculo entrou para facilitar a pronúncia e compor o padrão silábico do português.

Ainda durante o doutorado a ELiS foi testada em uma turma com 33 alunos surdos, fazendo com que o sistema passasse por diversas transformações, além de serem definidas regras de uso e de combinações dos elementos. Foram esses alunos que criaram o sinal para a ELiS.

A fase de divulgação iniciou-se em 2009, quando a UFG abriu o primeiro curso de Letras/Libras presencial no Brasil, em que a ELiS fazia parte da grade obrigatória de disciplinas. Durante a ministração das disciplinas vários ajustes puderam ser refinados, mas as mudanças estruturais não foram significativas, o que mudou mesmo foi o *design* dos visografemas, por conta da criação da fonte digital. A primeira versão ficou pronta em 2009, mas por uma necessidade estética, alguns detalhes ainda foram reajustados, de modo que a versão final está pronta para uso desde 2011.

Atualmente, a autora e sua equipe encontram-se na fase de implantação, em que vários pesquisadores em nível de graduação, mestrado e doutorado escrevem e traduzem textos utilizando a ELiS, criando, dessa maneira, vários materiais didáticos de uso em sala de aula, além de jogos e dinâmicas. Na área de tradução de histórias em quadrinhos, com a escrita ELiS adaptada para os balões de fala, este trabalho é pioneiro.

2.1.4. Estrutura da ELiS

A ELiS é um sistema de escrita alfabética, linear e concisa, formado por 95 visografemas (formas gráficas que representam elementos visuais), divididos em quatro grupos: Configuração de Dedos (CD), com 10 visografemas; Orientação da Palma (OP), com 6 visografemas; Ponto de Articulação (PA), com 35 visografemas; e Movimento (M), com 44 visografemas. Para formar um sinal/palavra, *grosso modo*, basta juntar os quatro visografemas em sequência.

Exemplo: TRABALHAR

CD	OP	PA	M
//_l.	☐	☐	☐

Quadro 2 – Escrita do sinal TRABALHAR, em ELiS.
Fonte: Elaboração própria.



Figura 12 – Sinal TRABALHAR.
Fonte: Arquivo pessoal.

CONFIGURAÇÃO DE DEDOS	
Polegar	Demais dedos
. fechado	. fechado
/ na palma	∟ muito curvo
< curvo	∟ curvo
\ “3D”	\ inclinado
_ horizontal	estendido
vertical	

Tabela 1 – Configuração de Dedos.
Fonte: Barros (2016).

ORIENTAÇÃO DA PALMA	
☑	palma para frente
☐	palma para trás
☐	palma para cima
☐	palma para baixo
☐	palma para a medial
☐	palma para a distal

Tabela 2 – Orientação da Palma.
Fonte: Barros (2016).

PONTO DE ARTICULAÇÃO			
Cabeça	Tronco	Membros	Mão
☐ rosto	∏ pescoço	L braço inteiro	☐ palma
☐ alto da cabeça	☐ corpo	L ombro	☑ dorso
H lateral da cabeça	☐ tórax	L axila	☐ dedos
L orelha	☐ ao lado do corpo	L braço	☐ lateral de dedo
= testa	☐ abdômen	L cotovelo	☑ intervalo de dedo
∴ sobancelha		L antebraço	☐ articulações
∴ olho		L punho	☐ ponta de dedo
∴ maçã do rosto		∏ perna	
└ nariz			
└ buço			
└ boca			
H dentes			
∴ bochecha			
L queixo			
H abaixo do queixo			


Tabela 3 – Ponto de Articulação.
Fonte: Barros (2016).

MOVIMENTO					
Braço e punho		Mão		Expressões não-manuais	
⊥	para frente	⊥	abrir	⊥	negação com a cabeça
⊥	para trás	⊥	fechar	⊥	afirmação com a cabeça
⊥	para frente e para trás	⊥	abrir e fechar	⊥	língua na bochecha
↑	para cima	↑	flex. dedos na base	↑	língua para fora
↓	para baixo	↓	flex. dedos na ponta	↓	corrente de ar
↕	para cima e para baixo	↕	unir e separar dedos	↕	vibração dos lábios
→	para a direita	↪	tamborilar de dedos	↪	mov. lateral do queixo
←	para a esquerda	↩	friccionar de dedos	↩	murchar bochechas
↔	para a dir e a esq	↪	dobrar o punho	↪	inflar bochechas
+	para o meio	↪	mov lateral do punho	⊕	abrir a boca
⊕	para fora	↻	girar o punho	+	piscar
↗	para cima e à direita	↻	girar antebraço	⊖	girar o tronco
↖	para cima e à esquerda				
↘	para baixo e à direita				
↙	para baixo e à esquerda				
↪	arco				
↻	flex/ext de braço				
⊖	circular vertical				
⊖	circular horizontal				
⊖	circular frontal				



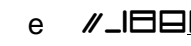
Tabela 4 – Movimento – Fonte: Barros (2016).


Sinais que não têm movimento são escritos apenas com os três primeiros quadrantes. Há outros tipos de sinais e para cada um existe uma regra. Abaixo apresentamos os tipos de sinais retirados do livro de Barros (2015):

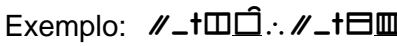
- a) Sinal monomanual – Realizado com apenas uma das mãos e segue o padrão de escrita (CD, OP, PA e M). Exemplo: ⊥⊥⊥⊥⊥ (PRAZER)
- b) Sinal bimanual – Realizado com as duas mãos e subdividido em quatro grupos:
 - i. Simétrico – As duas mãos realizando o mesmo (CD, OP, PA e M). No início da palavra deve haver o sinal gráfico “//” para indicar que serão usadas as duas mãos simultaneamente. O diacrítico “ˆˆ” é usado quando há alternância no movimento das mãos. Exemplo: //⊥.⊥⊥⊥⊥ˆˆ (TRABALHAR)

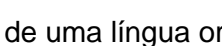
- ii. Assimétrico – As duas mãos realizando o sinal, mas cada um (CD, OP, PA e M) de forma diferente. Nesse caso, usam-se dois visografemas em cada quadrante, o primeiro para representar a mão esquerda e o segundo para representar a mão direita. Exemplo:  (PROTEGER)

O sinal gráfico “-” é para indicar que não há movimento. Antes do sinal bimanual assimétrico não se usa o sinal gráfico “//”.

- iii. Quase simétrico – Em que no mínimo um e no máximo três quadrantes são realizados de forma diferente. No caso do quadrante que for comum às duas mãos, apenas um visografema é escrito no quadrante. Exemplo:  (LEI),  (SENTAR) e  (NADA). Nota-se que, quando há no quadrante (CD) apenas um visografema a ser usado pelas duas mãos em um sinal bimanual quase simétrico, deve haver o sinal gráfico “//”.

- iv. Sinal com mão de apoio – Quando a mão esquerda é utilizada como ponto de articulação para a mão direita. A forma de escrita é semelhante ao sinal monomanual, mas os visografemas correspondentes às partes da mão são colocados no ponto de articulação. Exemplo:  (ROXO)

- c) Sinal composto – Sinal formado por justaposição de dois ou mais sinais. Exemplo:  (ESCOLA). Usa-se o sinal gráfico “:.” para indicar o sinal composto. Quando não há visografema representando (M), é porque o movimento está no percurso de realização dos sinais unidos por “:.”.

- d) Sinal soletrado – Formado apenas por (CD) representando as letras do alfabeto de uma língua oral. Exemplo:  (M-A-R-I-A).

Após explicar a estrutura da escrita que iremos utilizar em nossas traduções, passaremos agora a explorar as teorias tradutórias que irão fundamentar este trabalho.

2.2. TEORIAS DE TRADUÇÃO

Seria toda tradução uma traição? A famosa expressão italiana *traduttore, traditore* se explica “por não existir uma relação de equivalência entre cada palavra entre as línguas. Não existe uma transposição ideal, logo não existe uma tradução perfeita” (ALVES et al. 2000, p. 14).

A tradução é um desafio a cada texto. Não há uma tradução perfeita nem correta, tudo depende das línguas e culturas envolvidas, do objetivo, do tempo, do público, da mente criativa do tradutor e de outros vários fatores que podem influenciar. “Não existe tradução ‘neutra’ ou ‘transparente’ por meio da qual o texto original apareceria idealmente como em um espelho, identicamente” (OUSTINOFF, 2011, p. 22). Ou seja, a tradução nunca será igual ao original, mas sim um novo texto inserido em outro contexto.

De fato, a tradução é um novo texto construído em outra língua. Estudos sobre o processo cognitivo de Lederer (1994, *apud* MUNDAY, 2012, p. 119), dividem a tradução em três etapas: leitura e compreensão do texto original; desverbalização, que seria a decodificação do texto para entendê-lo em sua essência; e reverbalização, que seria a recodificação dos significados em outra língua e cultura.

Nesse processo de recodificar, o tradutor precisa reconstruir o texto levando o máximo de elementos estilísticos presentes na obra original. Se for uma poesia, a métrica e a rima do texto fonte devem ser reproduzidas no texto da tradução; se for um texto técnico, como bulas de medicamentos ou manuais de instrução, as prioridades são as informações, ou seja, o conteúdo. Da forma ao conteúdo, o importante é ser fiel à proposta tradutória.

Fidelidade é um assunto bastante polêmico, pois há autores, como os tradicionalistas alemães, que defendem a fidelidade ao texto original, bem como há autores, como os tradutores franceses da *Belles Infidèles*, que defendem a fidelidade ao texto meta ou ao público-alvo. Essas duas perspectivas dificilmente entrarão em um acordo. Particularmente, acreditamos na fidelidade à proposta tradutória estabelecida pelo tradutor. Nesse caso, utilizamos a fidelidade ao original ao transportar a comicidade e a variação linguística, e utilizamos a fidelidade ao texto meta ao adaptarmos essa comicidade e variação linguística à comunidade receptora.

De acordo com Britto, “um texto que provoque o riso no original deve provocar o riso em seu leitor” (2012, p. 48) ao ser traduzido. Por outro lado, Rónai observa que para tal proeza, “é preciso, naturalmente, que um espírito zombeteiro se encontre num momento feliz de inspiração” (1981, p. 42). Para Rónai, o trocadilho em uma tradução é geralmente “intraduzível por definição ou, noutras palavras, perde todo o chiste na tradução” (1981, p. 42).

A comicidade, que é um dos elementos chave a ser levado em consideração neste trabalho, pode ser considerada intraduzível, mas nada impede que seja recriada. Como dito no início, não há tradução que seja “neutra” ou “transparente”, quer dizer, o tradutor acaba virando autor em certos momentos e, para adaptar e transmitir ao público-alvo o mesmo humor do original, é preciso compensar recriando.

Em *A tradução-substituição*, Bessa (2010) defende a necessidade de trocas de expressões de uma língua para outra, visando equivalências de significado. O texto de Bessa é focado em tradução técnica, mas acreditamos que também pode ser aplicado em tradução literária, principalmente quando diante de elementos julgados “intraduzíveis”. Neste trabalho, deparamo-nos também com o desafio estilístico, pelo fato de um dos personagens, Chico Bento, expressar-se usando o dialeto rural. Bessa (2010, p. 55) menciona a questão do dialeto na tradução fazendo a seguinte consideração:

Questiona-se como achar um dialeto equivalente para o mineirismo ou o falar do sertanejo em alemão? Pode-se, quando muito, achar um dialeto que talvez seja culturalmente correspondente, dada as principais características de seus falantes, e venha ainda eventualmente desempenhar um papel semelhante, mas nunca será algo aproximado o suficiente a ponto de passar a configuração correta desse tipo popular.

Diante da “intraduzibilidade”, aplicada à especificidade cultural, temos um desafio de propor uma solução tradutória que satisfaça todos os quesitos e que nos permita criar em certas situações e nos manter fiéis em outros momentos, mantendo um equilíbrio e uma adequada proposta de tradução, mesmo sabendo que a tradução ideal não existe.

Sem deixar de lado e com o mesmo grau de dificuldade, mas no âmbito linguístico/fonético, deparamo-nos com o personagem Cebolinha e sua dislalia, comum em algumas crianças na fase inicial de aquisição de linguagem; a nosso ver também será um desafio transportar tal peculiaridade sem perder a característica central do personagem. Iremos agora a algumas análises do par linguístico em questão e em seguida às teorias de tradução de Barbosa (1990), que serão base fundamental para esta pesquisa.

2.2.1. Tradução do par português/Libras (Língua brasileira de sinais)

A estrutura gramatical da Libras, por ser de ordem sintática diferente do português, faz um uso distinto de estrutura. A ordem Sujeito-Verbo-Objeto (SVO) é a mais básica entre as demais e as ordens OSV, SOV e VOS são derivadas de SVO. A seguir, a título de exemplificação, mostraremos as ordens OSV e SOV. Para mais detalhes e aprofundamentos sobre o estudo de todos os tipos sintáticos, consulte-se o capítulo 4 de Quadros & Karnopp (2004).

Segundo Quadros & Karnopp (2004, p. 136) a ordenação OSV resulta de topicalização. A topicalização, na maioria dos casos, nada mais é do que uma reorganização sintática. “A ordem tópico-comentário é a preferida na língua de sinais” (FERREIRA-BRITO, 1995 *apud* SANTIAGO, 2012, p. 41). É comum trazer para o início da frase a parte principal do assunto (tópico) e só em seguida descrever os detalhes que a envolvem (comentário). Esse fato se dá pela necessidade de o surdo visualizar e tomar conhecimento do fator principal para, assim, entender os verbos de ação. Se colocarmos o verbo ENTREGAR antes do substantivo RELATÓRIO o surdo poderia pensar: “Essa pessoa entregou o quê?”. Logo o verbo ENTREGAR ficaria descontextualizado. Veja o exemplo a seguir:

Português: Quando você entregará o relatório?

Libras:



RELATORIO QUANDO(futuro)? 3pENTREGAR3p?

Quadro 3 – Tradução Literal – Fonte: SANTIAGO, 2012, p. 41.

Essa forma de organização sintática, OSV, que é bem rara, externa a forma como o indivíduo surdo organiza o pensamento. A modalidade comunicativa gesto-visual necessita de uma estrutura compatível, que se reflete em um modo mais visual de estruturar a frase. Já a ordem SOV é muito usada com verbos de concordância⁴:

Nesse caso, primeiro o usuário de língua de sinais sinaliza o sujeito e o objeto enquanto predicados independentes em pontos específicos no espaço. Tais pontos corresponderiam ao estabelecimento nominal. Depois, o sinalizador usaria tais pontos para estabelecer as relações entre o sujeito e o objeto utilizando o verbo. (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 137)

Certa vez, em uma aula de Libras, o professor deu um exemplo interessante sobre a primeira oração da música popular infantil “Atirei o pau no gato”. Se traduzirmos palavra por palavra fica assim:

⁴ Os verbos sem concordância são aqueles que não se flexionam em pessoa e número e não tomam afixos locativos. Os verbos com concordância são os que se flexionam em pessoa, número e aspecto. [...] Tais verbos apresentam afixos locativos (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 201). Ou seja, os verbos com concordância são aqueles que modificam a direção do movimento e/ou a orientação da palma para ficarem de acordo com os referentes na fala.

ARREMESSAR ÁRVORE PAU GAT@

O sinal ARREMESSAR é como em um jogo de mímica em que você joga algo para o ar. Mas qual objeto seria? Em qual direção? Onde ou em quem? Em seguida você faz o sinal de ÁRVORE e especifica a parte do tronco que seria o PAU ou MADEIRA, e no fim da frase o sinal GAT@. Visualmente, essa frase não teria sentido, são simplesmente sinais soltos sem conexão alguma. Uma sugestão de sequência sintática para melhor visualização do ocorrido é utilizando a ordem sintática SOV:

marcar-local GAT@ (dêitico) ÁRVORE (classificador) PAU (classificador)
coisa-arredondada SEGURAR-COM-A-MÃO-DIREITA (movimento)
₁ARREMESSAR₂ (direção ao dêitico do GAT@)

Além de alterar o local do verbo e do sujeito, a frase precisou de explicitações que em português não seriam necessárias, como marcar o local no espaço em que o gato estaria, fazer o sinal de “pau” e segurar com a mão para em seguida aplicar a ação de atirar em direção ao gato no local especificado anteriormente. Existe um desenho a ser representado e construído, para que faça sentido ao surdo.

Podemos observar muitos detalhes diferentes entre o português/Libras, como a forma de organização comunicativa, a topicalização e também algumas formas semelhantes de discurso por serem indivíduos que dividem o mesmo espaço geográfico. No capítulo 3 apresentaremos algumas aplicações no momento tradutório utilizando também os procedimentos técnicos que serão explicados a seguir.

2.2.2. Procedimentos tradutórios

Desde meados da década de 1950, muitos teóricos buscam categorizar os tipos de estratégias e procedimentos encontrados no ato tradutório. Importante ressaltar que os termos estratégia e procedimentos apresentam conceitos distintos. Estratégia tem um conceito geral, em nível de macrotexto e é uma característica do texto como um todo, se a tradução foi *domesticadora* ou *estrangeirizadora*⁵, se foi literal ou livre, formal ou dinâmico,

⁵ O conceito de tradução domesticadora e estrangeirizadora surgiu com Schleiermacher (1813), que afirmava existir dois tipos de tradução, uma que levava o autor até o leitor proporcionando ao público-alvo uma leitura mais fácil, por estar adaptada à sua cultura e outro tipo que levava o leitor até o autor, sendo uma leitura mais difícil, por exigir mais conhecimento cultural estrangeiro do leitor. O termo destes conceitos foi cunhado por Venuti (2002).

ou várias outras dicotomias. Já o conceito de procedimento se aplica em nível de microtexto, sendo características encontradas em cada Unidade Tradutória (UT)⁶.

Alguns teóricos, como Vinay e Darbelnet (1958), Catford (1965), Vazquez-Ayora (1977) e Newmark (1981), propuseram modelos de categorização e caracterização para os procedimentos técnicos. Barbosa (1990), à luz desses teóricos, propôs um novo modelo contendo 13 (treze) procedimentos: a) Tradução palavra por palavra; b) Tradução literal; c) Transposição; d) Modulação; e) Equivalência; f) Omissão vs. explicitação; g) Compensação; h) Reconstrução de períodos; i) Melhorias; j) Transferência com 4 (quatro) subprocedimentos: i. Estrangeirismo, ii. Transliteração, iii. Aclimatação e iv. Transferência com explicação; k) Explicação; l) Decalque; e m) Adaptação.

A seguir descreveremos as características de cada procedimento com os conceitos definidos e estabelecidos por Barbosa (1990) e a visão de Santiago (2012) para tais conceitos, aplicados na tradução do português para a Libras.

a) Palavra por palavra: Segundo Barbosa (1990, p. 64) “A tradução palavra por palavra corresponde à expectativa que muitos têm a respeito da tradução”. É uma tradução que mantém a mesma categoria e ordem sintática. Dificilmente conseguirá aplicar-se a mais de uma oração. Segundo Santiago:

A tradução palavra por palavra, do português para a Libras, corresponde ao que chamamos de *português-sinalizado*, que na grande maioria das situações é inadequado às necessidades enunciativas produtoras de sentido nas línguas de sinais (2012, p. 39).

Português: Eu quero saber quantos anos você tem.

Libras:



Quadro 4 – Exemplo de Tradução Palavra por Palavra – Fonte: SANTIAGO, 2012, p. 40.

⁶ Segundo Vinay & Darbelnet (1957) “Unidade de Tradução (UT) é o menor segmento de um enunciado cuja coesão de sinais seja tal que esses não possam ser traduzidos separadamente”. (apud ALVES, PAGANO, 2000, p. 30 e 31) As UTs podem ser no nível fonológico, morfológico, silábico, da palavra, da frase, da oração, do parágrafo e até no nível textual.

Este exemplo mostra que o procedimento *português-sinalizado* é quase sempre inadequado, pois não constrói a sentença com o sentido correto da Libras. Veja a seguir como seria uma tradução mais adequada:

Libras:



Quadro 5 – Exemplo de tradução mais adequada – Fonte: SANTIAGO, 2012, p. 40.

b) Literal: Para alguns autores, como Aubert (1987) e Newmark (1988), a tradução literal é a tradução mais próxima da chamada “fidelidade”, pois permite a alteração morfossintática para se adequar às normas da LT (Língua Traduzida). Para Santiago:

Este procedimento é muito utilizado, principalmente em discursos acadêmicos e formais em que a aproximação das duas línguas se faz necessária. Na tradução do português para a língua de sinais, essa pode ser a escolha do intérprete, quando há a necessidade de o interlocutor saber exatamente como a fala foi construída na língua de origem, quando ele precisa elaborar uma resposta que será também traduzida da Libras para o português (2012, p. 41).

Português: Quando você entregará o relatório?

Libras:



RELATORIO QUANDO(futuro)? 3pENTREGAR3p?

Quadro 6 – Exemplo de Tradução Literal – Fonte: SANTIAGO, 2012, p. 41.

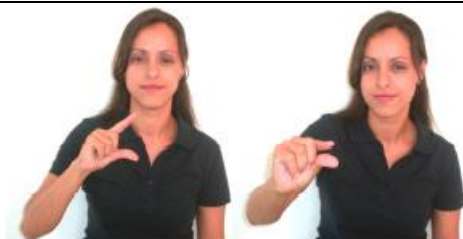
No exemplo acima, a intérprete fez uso da *topicalização*, um recurso bastante usado em Libras, que nada mais é do que uma reorganização sintática, como já explicado na seção anterior. Veja [2.2.1].

c) Transposição: Permite a mudança de categoria ou classe gramatical. Acontece de forma obrigatória para atender a LT ou por escolha de estilo, relata Barbosa (1990, p. 67). Em Libras, Santiago (2012, p. 42) explica que “por conta das características da modalidade

de língua gesto-visual, um mesmo sinal pode simultaneamente indicar o sujeito (oculto), o verbo e a adjetivação da ação ou do sujeito”.

Português: Eu saí vagarosamente do local.

Libras:



1pSAIR2p

(movimento lento da mão para frente, olhos quase fechados e ombros levantados)

Quadro 7 – Exemplo de Transposição – Fonte: SANTIAGO, 2012, p. 42.

Note que o verbo SAIR em Libras está representando a frase inteira do português, transpondo todas as outras categorias de palavra contidas na frase em português. Além do que, o verbo carrega em si uma *intensidade*, um movimento lento, para representar o advérbio *vagarosamente*.

d) Modulação: Mensagem traduzida, utilizando um ponto de vista diferente do TLO (texto da língua original), podendo ser obrigatório ou escolha de estilo. Em casos obrigatórios, é quando culturalmente aquele ponto de vista não existe.

Um exemplo dado por Ferrari (2011, pp. 93 e 94) mostra que a língua da tribo indígena aymara, falada nos Alpes andinos, tem uma relação de tempo diferente da maioria das culturas. Metaforicamente, no Ocidente, dizemos que o futuro está à nossa frente e que o passado ficou para trás. Já essa tribo se refere ao passado como algo que está à frente, como se as coisas que aconteceram estivessem em nosso campo visual, e o futuro como algo que está atrás, pois não vivemos e está fora do campo visual.

Com o par português/Libras a obrigatoriedade vai depender da metáfora e o estilo vai depender das escolhas do tradutor. No exemplo a seguir, mostra-se a modulação da frase negativa para a frase afirmativa.

Português: Não é difícil aprender a dirigir.

Libras:



Quadro 8 – Exemplo de Modulação – Fonte: SANTIAGO, 2012, p. 43.

e) Equivalência: Para Barbosa (1990, p. 67 e 68) consiste em substituir um segmento por outro funcionalmente equivalente, normalmente aplicado em clichês, expressões idiomáticas, provérbios, ditos populares. Santiago (2012, p. 44) indica a tradução das *expressões idiomáticas* como pertencentes a essa categoria.

O exemplo a seguir, formulado por nós, indica o sinal de SILÊNCIO realizado com as mãos fechando, o que pode se encaixar também no procedimento *adaptação*. Mas acreditamos que se trata mais de equivalência, por manter o mesmo sentido da TLO e ter uma correspondência direta.

Português: Silêncio!

Libras:



SILÊNCIO

Quadro 9 – Exemplo de Equivalência – Fonte: Arquivo pessoal/Elaboração própria.

f) Omissão vs. explicitação: Para Barbosa (1990, p. 68), omissão é retirar os elementos da TLO quando são desnecessários ou excessivamente repetitivos na LT. E a explicitação é o contrário disso. Exemplo: no inglês usam-se muito os pronomes pessoais, ao traduzir para o português é necessário omitir alguns deles para não ficar um texto repetitivo e ao traduzir para o inglês é necessário explicitá-los. Para exemplo em Libras, Santiago explica:

No geral, a omissão de termos do português é recorrente na tradução para a língua de sinais, como a omissão de verbos de ligação ou pronomes relativos, pronomes oblíquos, alguns pronomes de tratamento, locuções adverbiais e adjetivas, entre outros termos que não se apresentam necessariamente na língua de sinais (2012, p. 44).

Pode acontecer o processo inverso também, de haver a necessidade da explicitação em Libras:

Quando se faz uso do *espaço mental token*, ou seja, quando definem-se referentes locais no espaço de sinalização e o tradutor sente a necessidade de explicitar o referente, porque essa informação ficou obscura na enunciação e precisa ser retomada (SANTIAGO, 2012, p. 45).

Segundo Moreira (2007),

o espaço mental *token* é um espaço integrado, em que entidades ou as coisas das quais se quer falar são representadas sob a forma de um ponto fixo no espaço físico [...]. Nas línguas de sinais, essa representação sob a forma de *token* é projetada no espaço que fica em frente ao corpo do sinalizador (espaço de sinalização). (p. 47 *apud* SANTIAGO, 2012, p. 45)

Português: Ele perguntou a ela.

Libras:



Quadro 10 – Exemplo de Explicitação – Fonte: SANTIAGO, 2012, p. 45.

g) Compensação: Para Barbosa (1990, p. 69) é uma compensação de estilo, por exemplo, se um TLO tem um trocadilho não possível de passar para a LT, no TLT pode-se fazer um trocadilho em outro momento para compensar estilisticamente.

Português: Vem sentir o calor dos lábios meus à procura dos seus.
(Verso da música “Carinhoso”, de Pixinguinha)

Libras:



VEM-VEM QUENTE BOCAS^PROCURAR BEIJAR
(classificador de boca com mão esquerda e direita com movimentos que aproximam e distanciam as mãos, com expressão facial de sedução)

Tradução para a Libras de Naiane Olah

Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=crgijqot1h8>

Quadro 11 – Exemplo de Compensação – Fonte: SANTIAGO, 2012, p. 47.

No exemplo acima, a música faz uso de um recurso estilístico apoiando-se no tipo de linguagem e na construção sintática que permitiu a rima (“meus” e “seus”) ao final das orações. Ao traduzir para a língua de sinais, a rima é um recurso estilístico que não provoca o mesmo efeito aos interlocutores surdos, portanto o uso dos classificadores em Libras pode representar um recurso estilístico compensatório no processo de tradução/interpretação, conforme foi apresentado no exemplo. (SANTIAGO, 2012, p. 47)

Ao dizer que a rima é um recurso estilístico que não provoca o mesmo efeito aos interlocutores surdos, entende-se nesse caso que a rima utilizada na língua oral não tem o mesmo efeito para o surdo, mas a rima produzida em Libras por meio do “sinal-arte”⁷ provoca no surdo os sentidos compensatórios.

A experiência sensorial de pessoas surdas é tema de muitos poemas em línguas de sinais. O som e a fala são geralmente irrelevantes e, em vez disso, ideias de visão são realçadas, reafirmando o lado positivo da experiência surda de vida e a existência de pessoas surdas como pessoas visuais. (SUTTON-SPENCE, 2008, p. 332)

Sendo assim, os classificadores, que são usados de forma simétrica, podem compor uma rima compensatória em Libras. Como é mostrado no exemplo acima, de Santiago.

h) Reconstrução de períodos: “Consiste em redividir ou reagrupar os períodos e orações do original ao passá-los para a LT” (BARBOSA, 1990, p. 70). Santiago (2012, p. 47) traz o exemplo de *pergunta retórica* para a reconstrução de período.

Na *pergunta retórica*, o interlocutor não deseja receber uma resposta, a pergunta serve simplesmente para frisar uma ideia ou reflexão, logo em seguida o próprio interlocutor responde. É um estilo utilizado por vários tradutores/intérpretes.

⁷ Sinal-arte é um termo criado pela Sutton-Spence (2005) para se referir aos sinais das línguas sinalizadas que produzem efeito estético.

Português: Ela é inteligente e educada, portanto é uma boa funcionária.

Libras:



Quadro 12 – Exemplo de Reconstrução de Períodos – Fonte: SANTIAGO, 2012, p. 46.

i) **Melhorias:** Para Barbosa (1990, p. 70) consiste em não repetir na tradução os erros de fato cometidos. Para Santiago (1990, p. 45) a melhoria “acontece mais frequentemente quando da interpretação do português falado para a Libras, no momento do uso de listagem, erros que não acontecem no português escrito na fala são frequentes”.

Português: Hoje faremos as seguintes atividades: primeiro a visita ao palácio do governo, depois iremos ao parque, museu da aviação e terceiro a biblioteca.

Libras:



Quadro 13 – Exemplo de Melhorias – Fonte: SANTIAGO, 2012, p. 46.

Em alguns casos, os “erros” fazem parte do idioleto, como nas tirinhas do Cebolinha e do Chico Bento, em que a tradução envolve exatamente transportar esses “erros” para Libras.

j) **Transferência:** “Consiste em introduzir material textual da língua original (LO) no TLT” (BARBOSA, 1990, p. 71). Para Santiago (2012, p. 48), “a transferência incide na soletração manual da palavra trazida do português para a Libras”.

i) **Estrangeirismo:** Transferir para o TLT a expressão usada na LO da mesma forma em itálico ou entre aspas conforme a norma de escrita do país. Em Libras seria o uso da soletração manual do alfabeto.

ii) **Transliteração:** É a mudança de uma convenção gráfica para outra. Normalmente ocorre quando duas línguas têm formas de escrita diferentes. Santiago (2012, p. 48) afirma que esse procedimento não é evidenciado no par português/Libras. Mas considerando qualquer sistema de escrita das línguas de sinais, a transliteração é um procedimento identificável. Abaixo, a transliteração da soletração manual M-A-R-I-A escrita em ELiS.

Português: Meu nome é Maria.

Libras/ELiS:	.ff.回☐→	.fff.☐i.. ʌ.....li.
	NOME	M-A-R-I-A

Quadro 14 – Exemplo de Transliteração – Fonte: Elaboração própria.

iii) **Aclimação:** Quando um radical estrangeiro se adapta à fonologia e à estrutura morfológica da língua que o importa. (CÂMARA JUNIOR, 1977, p. 105 *apud* BARBOSA, 1990, p. 73)

A partir de uma análise diacrônica observa-se que alguns sinais surgiram por influência do português, um exemplo bem nítido é a *inicialização*, conforme Santiago (2012, p. 49) mostra:



Figura 13 – Exemplo de Aclimação.
Fonte: SANTIAGO, 2012, p. 49.

Nota-se que esses sinais são motivados pela forma como é escrita em português, IMPORTAÇÃO é iniciado com a configuração de mão “i” e EXPORTAÇÃO com a configuração em “e”.

iv) Transferência com explicação: Barbosa (1990, p. 74) define que é uma transferência da expressão estrangeira acrescida de explicação, podendo ser em nota de rodapé ou diluída no texto.

Nas traduções/interpretações é muito comum ocorrer um termo mais técnico que não tem sinal específico em Libras e ocorrer uma explicação na sequência, para ficar claro ao surdo o conceito daquela palavra.

Português: No caso de valores elevados, é preciso fazer um DOC.

Libras:



Quadro 15 – Exemplo de Transferência com Explicação – Fonte: SANTIAGO, 2012, p. 50.

k) Explicação: Semelhante ao procedimento acima, mas sem o uso da expressão estrangeira no TLT. Coloca-se apenas a explicação diluída no texto. Segundo Barbosa (1990, p. 75) isso ocorre quando há necessidade de eliminar do TLT os *estraneirismos* pela sua explicação.

Em Libras isso ocorre para economizar tempo ou quando também não há necessidade de expor o termo estrangeiro.

l) Decalque: Barbosa (1990, p. 76) define decalque como tradução literal dos sintagmas ou tipos frasais da LO no TLT. É como se fosse o procedimento de *estrangeirismo*, mas no nível sintagmático.

Para Santiago (2012, p. 51), decalque é uma junção da *tradução literal* com *estrangeirismo* utilizando a soletração manual do nome de uma instituição ou a realização de sinal por sinal dos termos igual à sequência do original.

Português: Essa é a tropa de tarefas especiais da polícia de São Paulo.

Libras:



Quadro 16 – Exemplo de Decalque – Fonte: SANTIAGO, 2012, p. 51.

m) Adaptação: Para Barbosa (1990, p. 76), esse procedimento é o limite extremo da tradução. É a substituição de termos típicos do TLO não existentes na realidade extralinguística dos falantes da LT.

Santiago (2012, p. 52) mostra alguns exemplos que acontecem nas traduções do português para a Libras, como: ouvir/ver e falar/sinalizar. São casos que evidenciam hábitos e costumes diferentes por serem de outra cultura.

Português: Escute bem o que vou lhe falar, é importante.

Libras:



Quadro 17 – Exemplo de Adaptação – Fonte: SANTIAGO, 2012, p. 52.

Alguns procedimentos têm o seu limite muito tênue um com o outro, podendo, muitas vezes, uma tradução ser classificada por mais de um procedimento. Claro que essa divisão é uma forma didática de pensar para identificar e caracterizar de forma mais consciente nossas traduções.

2.3. GÊNERO TEXTUAL: TIRINHAS

Segundo Ramos (2009, p. 21), a tirinha é um subgênero dos quadrinhos.

Podem ser abrigados dentro desse grande guarda-chuva chamado quadrinhos os cartuns, as charges, as tiras cômicas, as tiras cômicas seriadas, as tiras seriadas e os vários modos de produção das histórias em quadrinhos.

A tira cômica é um texto curto, com um ou mais quadrinhos, com a presença de personagens fixos ou não, que cria uma narrativa com desfecho inesperado no final, afirma Ramos (2009, p. 24).

O balão de fala é um elemento importante a ser analisado, pois será o local de realização dos nossas traduções. Eisner (1989) o define como recipiente do texto-diálogo proferido pelo emissor (Ramos, 2009, p. 32); há vários formatos para esse recipiente, como lista Cagnin (1975), balão-fala, balão-pensamento, balão-cochicho, balão-berro, balão-trêmulo etc.

Nas traduções, os balões sofrerão uma modificação de formato, pois no gibi *Turma da Mônica* nº 239, de 2006, o personagem Humberto, que é mudo, aparece com um livro que ensina alguns sinais em Libras e o alfabeto manual, mas quando ele sinaliza para conversar com a turma, ninguém o entende. Então, ele fica bravo e joga fora o livro. O personagem Cascão pega o livro e aprende o alfabeto manual e logo a turma toda se interessa em aprender também. Quando Humberto volta, o Cascão começa a soletrar com ele algumas

palavras em Libras. É nesse momento que Maurício de Sousa utiliza um novo formato de balão para representar a fala quando os personagens se comunicam em língua de sinais.

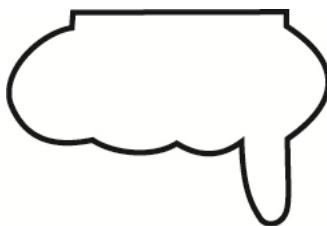


Figura 14 – Formato do balão para se comunicar em Libras.
Fonte: Elaboração própria.

Na primeira vez que aparece esse balão, há um asterisco que diz: “Sempre que o balão aparecer assim é porque a turma está usando a linguagem⁸ de sinais”. Por isso, nas traduções adaptarei os balões de fala para esse formato.

A história completa em que foi criado esse novo formato, que direciona o rabicho às mãos em vez de direcionar à boca, está em ANEXO neste trabalho.

Seja qual for o formato, a limitação espacial existirá, devendo ser levado em consideração nas escolhas tradutórias, pois não basta traduzir o texto da língua original (TLO) para uma expressão equivalente na língua de chegada (LC), uma vez que o tamanho da expressão deve ser ajustado para caber no balão, ou seja, dentro dos vários caminhos e opções de tradução, além de escolher o que melhor se adéqua à proposta linguística do personagem deve-se escolher a opção que melhor se ajusta em tamanho físico.

A legendagem é um campo rico de discussões com o qual podemos fazer uma analogia com os balões de fala por um aspecto, a limitação de espaço. A legenda tem o máximo de caracteres permitido para que um espectador consiga ler percorrendo o olhar em determinados segundos.

Em função da necessidade de economia de espaço, também é recomendado omitir da legenda os vocativos, os pronomes demonstrativos, interjeições, hesitações, cacoetes, gaguejos, falas em segundo plano, onomatopeias, construções redundantes e, eventualmente, signos de exclamação. Da mesma forma, sugere-se que não sejam traduzidas expressões sucintas que possam ser compreendidas sem a legenda. Como explica Xosé Castro Roig (2004), neste último caso, considera-se que o espectador tem informação visual suficiente para compensar a carência de significado deixada pela ausência de legenda. Esse autor também indica a escolha de vocábulos mais breves (entre vários sinônimos) na hora de traduzir (ÁLVAREZ, 2011).

⁸ Nota-se que no gibi *Turma da Mônica* nº 239, de Maurício de Sousa, usa-se a nomenclatura *linguagem*. Sabemos que o correto é *língua*, esse é um equívoco ainda muito cometido, pela falta de conhecimento na área de linguística e por não saber que, no Brasil, a Libras foi reconhecida por lei em 24 de abril de 2002.

As dicas acima podem nos auxiliar na elaboração de uma solução mais adequada nas traduções das tirinhas dos personagens Cebolinha e Chico Bento. Cada solução será testada e analisada à luz dos treze procedimentos de Barbosa (1990).

3. TRADUÇÃO COMENTADA

Nosso projeto é traduzir tirinhas do português para a Libras utilizando a transcrição em ELiS e, ao mesmo tempo, observar essa tarefa para relatar os procedimentos aplicados e as decisões tomadas. Trabalhar com esse par linguístico na modalidade escrita é uma novidade; por isso é importante tomar nota de todos os detalhes ao realizá-la. A intenção é mostrar alguns dos caminhos possíveis e incentivar os futuros tradutores a buscarem novas soluções.

A tradução comentada consiste em analisar e comentar as decisões tomadas em cada unidade tradutória. As perspectivas podem ser elucidadas levando em consideração vários aspectos. Os comentários que apresentaremos nesta dissertação levam em consideração os procedimentos técnicos já descritos na seção 2.2.2, as soluções encontradas para cada personagem e os limites do balão-fala. O conceito de tradução comentada é comumente utilizado em tradução técnica, mas acreditamos que as teorias não têm esse limite tão bem estabelecido e podem muito bem compartilhar conhecimentos que contribuam para o avanço dos estudos da tradução.

A tradução em Libras será exibida, primeiramente, em uma tabela que enumera cada bloco de texto, podendo ser um balão-fala ou um elemento escrito no cenário do quadrinho. Na tabela, haverá uma coluna com o texto original contido em cada bloco, depois outra coluna com a proposta de tradução em Libras transcrito em português, e por último a transcrição em ELiS. Após a exibição da tabela serão descritos os procedimentos utilizados em cada bloco de texto; as fotos para ilustrar alguns sinais destacados; e ao final, mostraremos a imagem da tirinha original e da tirinha traduzida.

A seguir apresentamos a solução estabelecida para cada personagem e as traduções devidamente comentadas e analisadas conforme organização acima detalhada.

3.1. TIRINHAS DO CEBOLINHA

Por se tratar de um projeto original, vale ressaltar que, geralmente, quando se traduz as histórias da Turma da Mônica, os personagens que apresentam algum tipo de peculiaridade são representados com alguma modificação na expressão facial ou corporal. Nunca, antes, foi registrada uma proposta de solução tradutória para tais personagens

apresentados nesta dissertação. Ou seja, quando um intérprete de Libras traduz os personagens Cebolinha e Chico Bento, geralmente eles alteram a curvatura do ombro ou fazem uma expressão facial que de certo modo, mesmo que não intencional, destacam um preconceito e tratam os personagens de maneira pejorativa. Neste trabalho, nos propusemos a encontrar soluções compatíveis às peculiaridades identificadas.

Antes de escolher a solução definitiva para traduzir as falas do Cebolinha e do Chico Bento, algumas propostas foram pensadas, como essa ideia retirada de uma teoria sobre legendagem criativa de McClarty:

O uso de diferentes tamanhos de tipo de letra para designar o volume da voz do personagem (com letras pequenas para sussurros e letras grandes para gritos) e o uso de palavras com letras desalinhadas para representar o diálogo de um homem bêbado [...] se um personagem está fraco ou cansado isso é representado por meio de sua voz, no texto, pode aparecer um pouco transparente, suave ou flutuando. (2012, p. 146 e 148) ⁹

Alterar o *design* da fonte tipográfica para representar a nuance na voz de um personagem talvez faça sentido para ouvintes que estejam assistindo a um filme estrangeiro legendado, mas para os surdos talvez a mudança na fonte não faça sentido e ainda gere dúvidas quanto ao motivo de isso estar ocorrendo, assim como em soluções ditas anteriormente quando se altera o aspecto na expressão corporal/facial.

O Cebolinha é um personagem que apresenta dislalia¹⁰. Ele troca o fonema “R” pelo “L”. Isso é comum em algumas crianças na fase inicial do aprendizado. Nas línguas de sinais, um dos maiores índices de incidência como problema inicial de aprendizado é a dificuldade de executar a configuração de mão.

Para isso, cunhamos aqui o termo *Dissemia*¹¹ para designar o distúrbio na produção dos sinais no momento de execução. Como registro gráfico do que ocorre com o Cebolinha, utilizaremos o conceito de Battison (1978) sobre as configurações de mão que, no caso da aprendizagem do surdo, sofre uma pequena troca de configurações até o seu processo de maturação de língua.

Dos cinco parâmetros (Configuração de Mão (CM), Orientação da Palma (OP), Ponto de Articulação (PA), Movimento (Mov) e Expressões Não Manuais (ENM)), a CM é o último a ser executado com perfeição. Pensando nisso, sugerimos que a inadequação do falar do Cebolinha ao passar para a Libras ocorra nesse parâmetro.

⁹ Texto original: The use of different sizes of typeface to designate the volume of the character's voice (with small letters for whispers and large letters for shouts), and the use of words with letters out of line to represent the dialogue of a drunken man. [...] If a character is weak or tired and this is represented through their voice, the text may appear transparent, wispy or appear to float.

¹⁰ A dislalia é um distúrbio fonológico, caracterizada pela produção inadequada dos sons.

¹¹ Termo criado durante apresentação do andamento do trabalho à banca de qualificação composta pelo orientador Dr. Eclair Antônio e convidada Dr^a. Patrícia Tuxi.

Battison (1978) traz algumas configurações de mão não marcadas identificadas em crianças que estão no início da construção de suas falas, e que se encaixam bem para serem usadas na tradução do personagem Cebolinha. Segundo Boyes (1973, *apud* BATTISON, 1978, p. 24 e 25):

Essas são as primeiras configurações de mão dominadas pelas crianças surdas que adquirem a língua de sinais americanas de seus pais (BOYES 1973, MCINTIRE 1977).¹²

As crianças produzem erros de configuração de mão e a tendência é substituir por essas sete configurações (BOYES 1973).¹³

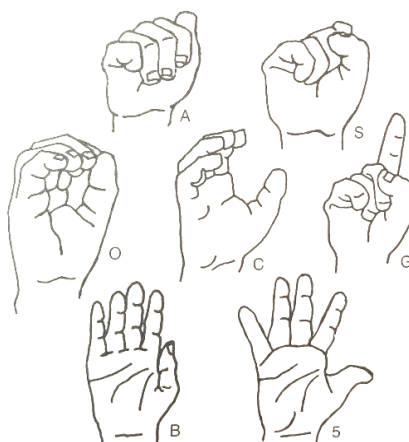


Figura 15 – Configurações de Mão não marcadas (BASCO15) – Fonte: (BATTISON, 1978, p. 23).

Então, na tradução, ao invés de trocar o “R” pelo “L” o Cebolinha trocará todas as CMs marcadas pelas menos marcadas, que, segundo Battison (1978), são as configurações B (↗†), A (I.), S (•), C (↙⌋), O (↙⌋), 1 (I.), 5 (↘l) ou (–l).

A seguir, serão apresentadas as tabelas de análise tradutória, na coluna “Original” destacamos em negrito as palavras em que ocorre a dislalia; na coluna “Tradução em Libras” destacamos em negrito as palavras que, em Libras, são realizadas com a CM marcada; e na coluna “Transcrição em ELiS” circulamos a configuração de mão no sinal em que as modificações são necessárias para tornar a CM do sinal menos marcada e assim, evidenciar a *Dissemia*. Nas tirinhas originais, as dislalias do Cebolinha já estão destacadas em negrito, como são usadas originalmente por Maurício de Sousa, e nas tirinhas traduzidas, as *Dissemias* estão destacadas em azul claro ao invés de negrito, pois a fonte ELiS, comumente, já tem o traço semelhante ao da fonte em negrito.

¹² Texto original: They are among the first handshapes mastered by deaf children acquiring ASL from their parents.

¹³ Texto original: Children make production errors of handshape substitution which tend toward elements of this set.

3.1.1. Análise da tirinha 01 do Cebolinha

Balões	Original	Tradução em Libras	Transcrição em ELiS
1 – Cebolinha	Quelo ser mais folte que a Mônica.	QUERER FORÇA MAIS-DO-QUE SINAL MÔNICA!	< 7 8 0 T \ 0 1 2 • 0 0 0 ← 2 / 1 0 0 1 !
2 – Cebolinha	O que é isso?	SUSTO!	// 1 0 0 1 !
3 – Poço dos desejos	Sua senha!	NÚMERO FILA.	• 0 0 0 < T: // 1 0 0 1 T.
4 – Placa	Poço dos desejos	POÇO DESEJOS	// < 1 0 0 0 // 1 0 0 1 ↓

Tabela 5 – Tirinha 01 do Cebolinha – Fonte: Elaboração própria.

A seguir, os procedimentos aplicados na tradução acima.

1) No primeiro balão, além da **omissão** do artigo “a” e do verbo “ser”, pode-se identificar a **tradução literal**, pois foi realizado apenas um ajuste sintático. Após o verbo QUERER, poderia haver um acréscimo do sinal VONTADE, o que configuraria a **explicitação** de um termo a mais para complementar a ideia do original, mas como não caberia no balão-fala, optamos em não acrescentar. Outra opção possível é trocar o verbo QUERER pelo substantivo VONTADE. Essa troca não afetaria a extensão da sentença nem o sentido, e configuraria o procedimento de **transposição** de classe gramatical.

2) No segundo balão, nota-se uma estratégia, considerada por Barbosa (1990) divergente do sistema linguístico. Ao fazer uma análise semântica percebe-se que a expressão “O que é isso?” tem um sentido metafórico que expressa espanto, e a solução tradutória utilizando o sinal SUSTO se adapta ao sentido que o texto original sugere. Logo, o procedimento identificado é o de **equivalência**, quando um termo ou expressão é substituído por outro equivalente.

3) Na fala do poço dos desejos, foi aplicada a **equivalência**. Em Libras existe um sinal correspondente para “senha”, mas que também pode significar “segredo”. Então, esse sinal é mais usado para senha de banco ou para senhas de internet. No contexto dessa tirinha, foram eleitos dois sinais como os mais adequados. São eles: NÚMERO FILA, que equivalem melhor ao sentido expresso semanticamente.

- 4) No caso da frase escrita na placa, ocorreu a **tradução palavra por palavra**, pois foram mantidas a mesma categoria das palavras e a ordem sintática. Ocorreu também, uma pequena **omissão** da preposição “dos”.

Na tirinha original, o Cebolinha apresentou duas dislalias: uma na palavra “quelo” (quero) e outra na palavra “folte” (forte). Ao traduzir para a Libras, podemos destacar três sinais executados com a CM marcada, FORÇA, MAIS-DO-QUE e MÔNICA. Os demais sinais escolhidos na tradução utilizam a CM não marcada; por isso, o nosso Cebolinha sinalizante, mesmo com *Dissemia*, conseguiria realizar normalmente.

Os sinais destacados com a CM marcada passaram por modificações ao serem transcritos em ELiS. O sinal FORÇA, ao invés de ser escrito com os dois dedos 2 e 3 (.ll.) destacados, foi escrito com a CM em “5” (∟) mão aberta e espalmada. O sinal MAIS-DO-QUE se inicia com a CM em “S” (•) ao final, abrem-se os dedos 1 e 2 (—l.). Na tradução, a finalização proposta está com a indicação para abrir apenas o dedo 2 (.l.), formando uma CM não marcada. O sinal da personagem MÔNICA costuma ser realizado com a CM não marcada. O sinal da personagem MÔNICA costuma ser realizado com a CM formando o numeral “5” (.ll.) que apresenta os dedos 1 e 2 curvados; na tradução, é sugerido para o Cebolinha a CM em “B” (↗†) para ficar condizente com a proposta. Veja a seguir os sinais FORÇA, MAIS-DO-QUE e MÔNICA realizados com a CM marcada e realizados com a *Dissemia* do Cebolinha e, depois, o material traduzido.



Figura 16 – Sinal FORTE com CM marcada
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 17 – Sinal FORTE com CM em “5”
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 18 – Sinal MAIS-DO-QUE com CM marcada
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 19 – Sinal MAIS-DO-QUE com CM em “1”
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 20 – Sinal MÔNICA com CM marcada
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 21 – Sinal MÔNICA com CM em “B”
Fonte: Arquivo pessoal.

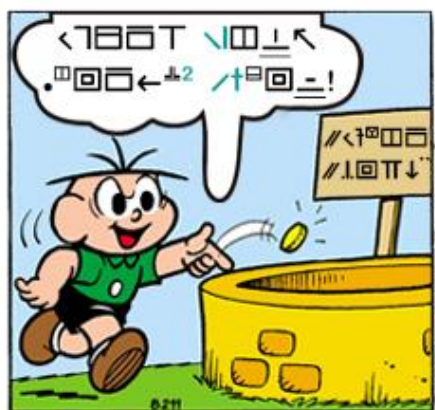


Figura 22 – Tradução da tirinha 01 do Cebolinha
Fonte: Site da Turma da Mônica (UOL), Tirinha 14. Disponível em:
<http://turmadamonica.uol.com.br/quadrinhos/?tg_personagem=cebolinha&tg_quadrinho=tirinhas>. Acesso em jun. 2017.

3.1.2. Análise da tirinha 02 do Cebolinha

Balões	Original	Tradução em Libras	Transcrição em ELiS
1 – Cascão	Nossa! Que cara é essa, Cebolinha ?	NOSSA! EXPRESSÃO TRISTE!	.BSSJL ² ! //.I.BSTI'' ...I ¹ BS! ...
2 – Cebolinha	Estou triste!	EU TRISTE!	EST: BS.
3 – Cascão	Nada no mundo justifica um rosto assim!	VOCE PROBLEMA NÃO-TER.	.BS // .I.BS-L: .I.BS:
4 – Cebolinha	É que sem querer, eu fulei a bola que você me emprestou!	LEMBRAR, BOLA EMPRESTAR ₁ ? ESTOURAR.	BS; // <BS // .I.BST? // .BSL.

Tabela 6 – Tirinha 02 do Cebolinha – Fonte: Elaboração própria.

A seguir, os procedimentos aplicados na tradução acima.

1) Na primeira frase, “Nossa!”¹⁴, foi utilizada a **tradução palavra por palavra**, com o sinal NOSSA correspondente em Libras. A segunda frase é um exemplo de **modulação** de ponto de vista. No original é feita uma pergunta “Que cara é essa, Cebolinha?”. Na tradução propusemos uma resposta com base na expressão facial identificada, no primeiro quadrinho da tirinha, no personagem Cebolinha. Em Libras, mesmo que a imagem já mostre a feição triste, é necessário deixar isso mais explícito e optamos por dizer diretamente, em vez de deixar subentendido.

2) Analisando pelo viés sintático, o segundo balão-fala é uma **tradução palavra por palavra**, pois não houve alterações na ordem sintática. Ocorreram algumas modificações, como a **omissão** do verbo “estou”, que, se fosse realizado em Libras, configuraria um *português-sinalizado* não adequado nesse caso. E, também, ocorreu a **explicitação** do sujeito que estava oculto no TLO, ou seja, em Libras, fica mais adequado explicitar o sinal do pronome EU.

¹⁴ Entende-se “Nossa!” como interjeição de espanto utilizada popularmente e não em seu significado original, advindo da expressão “Nossa Senhora”.

3) O terceiro caso é uma **equivalência** de sentido. Mesmo não sendo uma expressão idiomática, a solução foi a substituição de um segmento por outro funcionalmente equivalente. Assim como nos demais balões, outras traduções são possíveis, mas, nesse caso, o fator espaço contribuiu bastante para a definição da solução. Proceder com a **reconstrução de período** parece uma solução satisfatória: “VOCÊ TRISTE? NADA VIDA EXPLICAR.”, mas ficaria muito extenso para colocar no balão-fala do personagem Cascão. Utilizar a afirmação direta: “VOCÊ PROBLEMA NÃO-TER.” resume bem o sentido expresso pelo Cascão em sua fala e resolve a questão da falta de espaço.

4) O quarto caso é uma **reconstrução de período**, pois a tradução não foi realizada em apenas uma sentença, como estava no original. Primeiramente, na tradução, o Cebolinha faz uma pergunta retórica “LEMBRAR, BOLA ₂EMPRESTAR₁?”¹⁵ e, em seguida, responde o que aconteceu com a bola: ESTOURAR.

Para contemplar o projeto de *Dissemia* do Cebolinha, na tradução proposta, detectamos três sinais com a CM marcada, um no primeiro balão-fala e dois no segundo balão-fala. São estes: TRISTE, LEMBRAR e EMPRESTAR.

O sinal TRISTE, normalmente, é realizado com a CM marcada em “Y” (—...l), na tradução não marcada a CM ficou em “5” (∟) mão aberta e espalmada. O sinal de LEMBRAR, ao invés de estar marcado com os dois dedos 2 e 3 (.ll.) em destaque, foi escrito com a CM formando o número “1” (.l.), e o mesmo ocorreu com o sinal EMPRESTAR. Veja a seguir os sinais: TRISTE, LEMBRAR e EMPRESTAR realizados com a CM marcada e realizados com a *Dissemia* do Cebolinha e, depois, o material traduzido.

¹⁵ Os números subscritos na palavra ₂EMPRESTAR₁ indicam a direção do sinal, pois EMPRESTAR, em Libras, é um verbo com concordância. Nesse caso, indica que a bola partiu da segunda pessoa (Cascão) em direção a primeira pessoa (Cebolinha). Se substituísse o número 2 pelo número 3, a sinalização viria de outro ponto, indicando que o Cebolinha havia emprestado a bola de outra pessoa que não estava na conversa.



Figura 23 – Sinal TRISTE com CM marcada
Fonte: Arquivo pessoal.

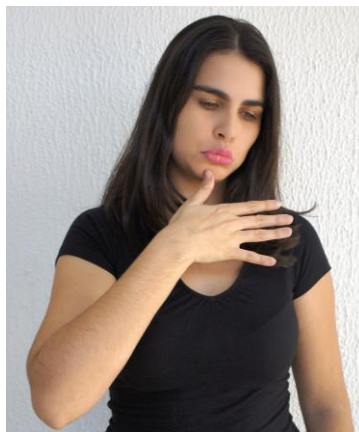


Figura 24 – Sinal TRISTE com CM em “5”
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 25 – Sinal LEMBRAR com CM marcada
Fonte: Arquivo pessoal.



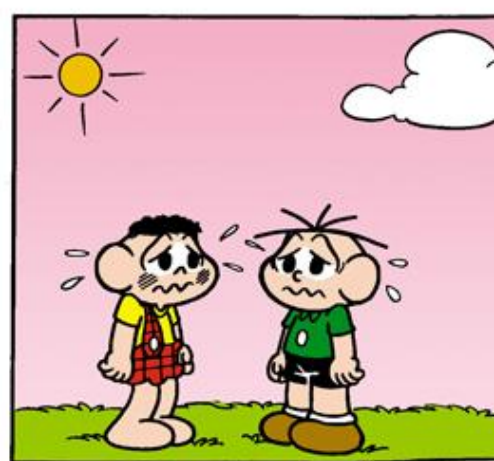
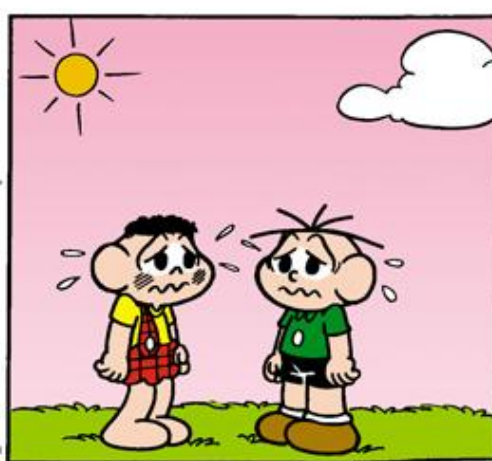
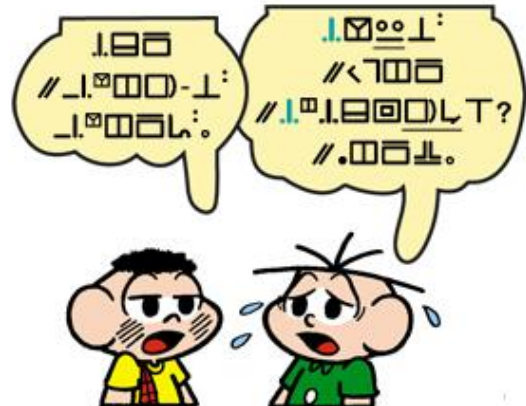
Figura 26 – Sinal LEMBRAR com CM em “1”
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 27 – Sinal EMPRESTAR com CM marcada
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 28 – Sinal EMPRESTAR com CM em “1”
Fonte: Arquivo pessoal.



© MAURICIO DE SOUSA PRODUÇÕES - BRASIL

Figura 29 – Tradução da tirinha 02 do Cebolinha
 Fonte: Site da Turma da Mônica (UOL), Tirinha 4. Disponível em:
http://turmadamonica.uol.com.br/quadrinhos/?tg_personagem=cebolinha&tg_quadrinho=tirinhas.
 Acesso em jun. 2017.

3.1.3. Análise da tirinha 03 do Cebolinha

Balões	Original	Tradução em Libras	Transcrição em ELiS
1 – Cebolinha	As galotas plimeilo!	PODER IR!	// . 𐤀𐤁𐤂↓ // _ 𐤁𐤂' →!
2 – Mônica	Quanta gentileza, Cebolinha!	GENEROSO!	// _ 𐤁𐤂𐤃𐤄𐤅𐤆𐤇𐤈
3 – Cebolinha	Se não quebrar, eu passo!	QUERO VER PONTE AGUENTAR!	< 𐤁𐤂𐤃𐤄 . 𐤅𐤆𐤇 Ⓜ 𐤁𐤂𐤃 → // . 𐤁𐤂↓!

Tabela 7 – Tirinha 03 do Cebolinha – Fonte: Elaboração própria.

A seguir, os procedimentos aplicados na tradução acima.

1) No primeiro balão-fala ocorre a **equivalência**, isto é, a substituição de um segmento por outro funcionalmente equivalente. A frase “As galotas plimeilo!” e as expressões corporais e faciais do personagem Cebolinha indicam um comportamento de cavalheirismo em relação à personagem Mônica. A troca da frase pelos sinais PODER IR mantém a gentileza apresentada no primeiro quadrinho, pois reafirma o que já está posto por meio da imagem.

2) O segundo balão-fala, da personagem Mônica, contém a **omissão** do vocativo “Cebolinha”, pois em Libras não é comum o uso de vocativo. Já a frase “Quanta gentileza” foi substituída pelo sinal **equivalente** GENEROSO. No contexto, a palavra “Quanto” apresenta um sentido de intensidade, significando, segundo a Mônica, que o Cebolinha agiu com muita gentileza, mas essa intensidade já está presente na expressão facial dela; logo, a **omissão** dessa intensidade ao traduzir para a Libras não é prejudicial em relação à fidelidade ao sentido do original.

3) A tradução no terceiro balão-fala encaixa-se no procedimento de **modulação**, pois da frase em português “Se não quebrar, eu passo!” para os sinais em Libras “QUERO VER PONTE AGUENTAR!” houve alteração no ponto de vista. O fato de querer ver a ponte aguentar ou ver se a ponte é firme tem um sentido contrário de quando se diz que irá passar pela ponte somente se ela não quebrar. Se a ponte não quebrar significa que ela aguenta e é firme, ou seja, o sentido é o mesmo, mas dito por outro ponto de vista.

De acordo com o projeto de *Dissemia* do Cebolinha, ocorreu, nessa tradução, apenas um sinal com a CM marcada, a palavra “ponte”. No terceiro balão-fala, o sinal PONTE foi sinalizado com a CM formando o numeral “1” (.I.) sendo que normalmente é feito com a CM formando o numeral “2” (.II.). O sinal VER poderia ser com a CM formando o numeral “2”, mas também é muito usado com a CM formando o numeral “1” (.I.), por isso não foi destacado, já que é um sinal possível mesmo sem *Dissemia*.

As transformações ocorridas não foram feitas de maneira aleatória, as CMs não marcadas foram pensadas de uma forma a não prejudicar o significado do sinal. Caso uma proposta de transformação ficasse parecida com outro sinal, outra CM não marcada seria testada até ficar uma solução condizente. De modo informal, surdos foram consultados para verificar se o sinal modificado atrapalharia o sentido, e em alguns casos a consulta foi fonte de ideia e de sugestão para alcançar a melhor solução. Veja a seguir o sinal PONTE realizado com a CM marcada e realizado com a *Dissemia* do Cebolinha, as duas possibilidades de fazer o sinal VER e, depois, o material traduzido.

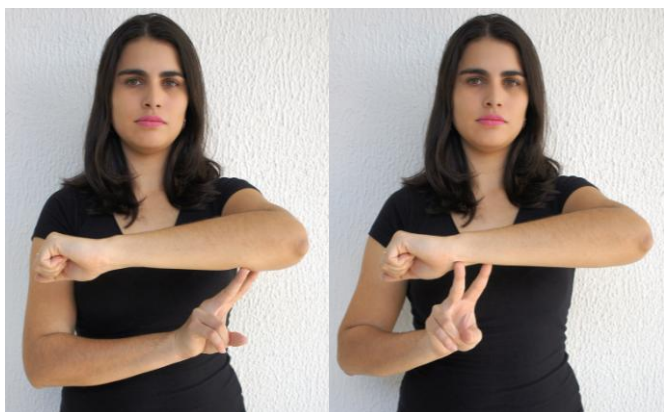


Figura 30 – Sinal PONTE com CM marcada
Fonte: Arquivo pessoal.

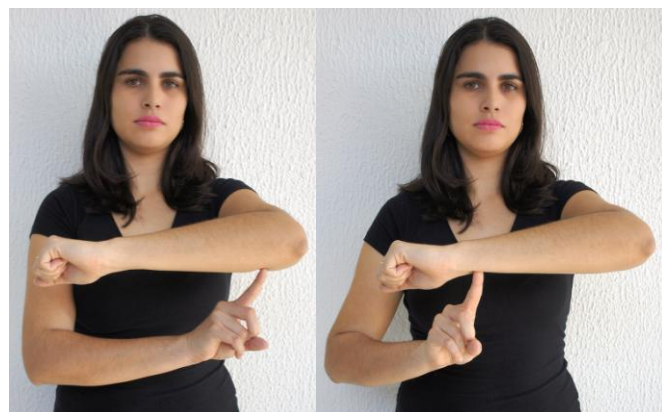


Figura 31 – Sinal PONTE com CM em “1”
Fonte: Arquivo pessoal.

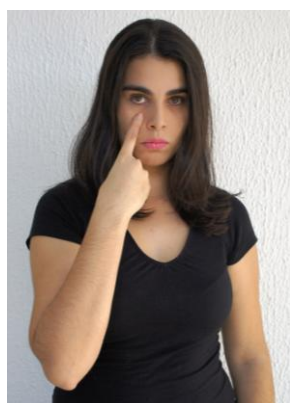


Figura 32 – Sinal VER com CM em “1”
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 33 – Sinal VER com CM em “V”
Fonte: Arquivo pessoal.

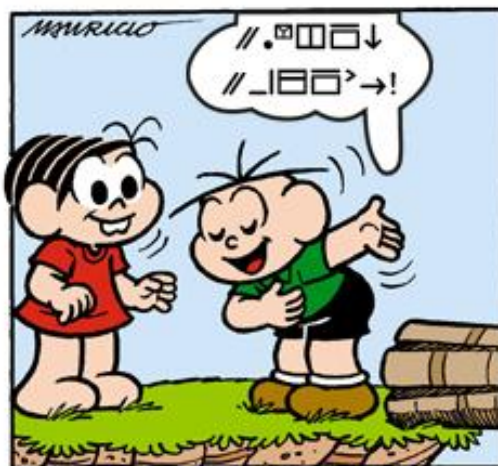


Figura 34 – Tradução da tirinha 03 do Cebolinha
 Fonte: Site da Turma da Mônica (UOL), Tirinha 22. Disponível em:
 <http://turmadamonica.uol.com.br/quadrinhos/?tg_personagem=cebolinha&tg_quadrinho=tirinhas>.
 Acesso em jun. 2017.

3.2. TIRINHAS DO CHICO BENTO

O personagem Chico Bento vive na roça e é um menino interiorano cuja fala é marcada pelo dialeto rural¹⁶. Nota-se que esse personagem está afastado do ambiente urbano e essa distância física caracteriza outro tipo de fala. Faremos um paralelo cultural à vida dos surdos que vivem ou viveram isolados por algum motivo histórico, social, familiar, escolar etc. No artigo de Spicacci (2018) é traçado um perfil levando em consideração os surdos nicaraguenses que utilizam o ISN (Idioma de Señas de Nicaragua); contudo, nesta dissertação não iremos nos delongar por esse ponto de vista, pois seremos mais breves e diretos em explicar esse paralelo.

Os surdos que vivem isolados não têm a oportunidade de acesso a uma língua de sinais, no caso do Brasil, a Libras. Sendo assim, o afastamento físico propicia o surgimento dos sinais caseiros, manifestação voluntária para se comunicar com os familiares, por exemplo. Esse tipo de “língua caseira”, não convencionalizado entre a comunidade surda, não é padrão. Cada surdo isolado cria sua própria forma de comunicar e ela não é a mesma em relação a outro surdo que vive isolado em outro lugar.

Sendo assim, não podemos eleger uma “língua caseira” específica para representar o Chico Bento, pois demandaria tempo de aprendizado dessa “língua” e as tirinhas não seriam entendidas em nível nacional. Destacamos, então, as características: não padronizado e não gramaticalizado.

Em Libras é possível identificar modos de comunicação padronizados e não padronizados; existem, sim, essas nuances nos usuários da língua. Muitas das características fora do padrão estão associadas aos classificadores¹⁷, que são gramaticalizados e estão dentro de uma categoria mais informal em relação aos outros sinais. Outra possibilidade, em Libras, é o uso de gestos, que mesmo não gramaticalizados fazem parte do ato comunicativo, assim como nas línguas orais.

Os termos ‘classificadores’ e ‘gestos’ têm significados discutíveis. A distinção entre esses dois termos não é clara e eles parecem se confundir constantemente. Gestos não são gramaticalizados e podem ser considerados um universal linguístico, pois falantes da língua oral e sinalizada utilizam esse recurso como componente de sua expressão. Segundo Carneiro (2016, p. 122): “Os gestos não podem ser vistos a partir de uma ação física, mas de uma noção semiótica, já que expressam o lado imagético do pensamento durante o discurso. Os classificadores nas

¹⁶ Vale lembrar que Maurício de Sousa não é fidedigno em reproduzir a fala dos moradores da zona rural, o que o autor faz nos quadrinhos são meras alterações ortográficas que sugerem um modo de falar caipira.

¹⁷ Os classificadores não são gestos ou mímicas, são gramaticalmente reconhecidos e servem para descrever um sinal. Por exemplo, o sinal andar necessita de uma incorporação para executá-lo, se for uma pessoa andando poderá ser feito somente com o dedo indicador levantado, se for um elefante andando as mãos serão fechadas e executadas com peso, já para o andar do cachorro o punho se move levemente.

línguas de sinais são estruturas icônicas em que cada aspecto formacional é um morfema classificador”. (SPICACCI, 2018)

Felipe (2007) faz um levantamento dos morfemas mais encontrados na execução de classificadores (CLs) em Libras:

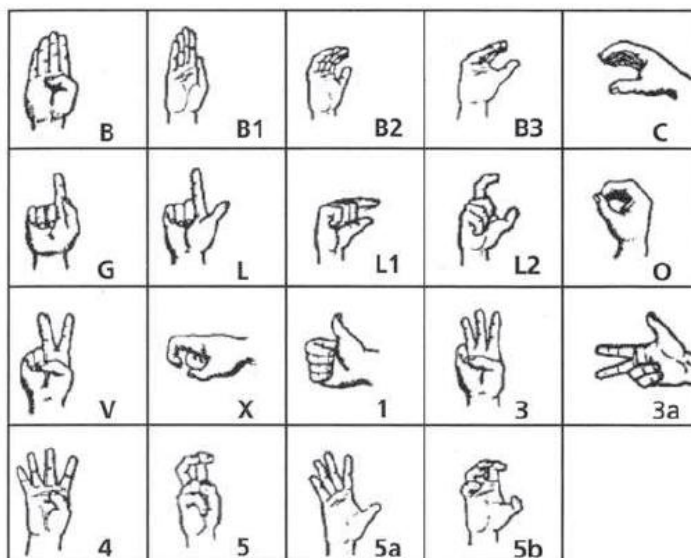


Figura 35 – Configurações de Mão de CLs
Fonte: Felipe (2007, p. 173).

As imagens acima representam as configurações de mão mais recorrentes na formação de um classificador. Não quer dizer que sejam as únicas, mas são as mais utilizadas.

Após a exposição dos sinais não padronizados com os CLs e gestos não gramaticalizados, essas configurações serão as características predominantes ao traduzir o personagem Chico Bento e assim deixar explícito um suposto tipo de variante dialetal. Ele carregará esses traços de linguagem, ou seja, o dialeto rural será marcado em Libras com o uso de CLs e gestos. Não iremos seguir rigorosamente o quadro acima, como foi o caso do Cebolinha, em que seguimos rigorosamente as CMs propostas por Battison (1978), pois entendemos que as CMs no quadro de Felipe (2007) são apenas um norteador e não contemplam as várias possibilidades que os CLs e gestos são capazes de abarcar.

3.2.1. Análise da tirinha 01 do Chico Bento

Balão	Original	Tradução em Libras	Transcrição em ELiS
1 – Chico Bento	Crescê num é nada fácir!	CRESCER SUOR-NA-TESTA	$_ + \square \square \uparrow$ $\cdot \cdot \cdot \square \square = \rightarrow \cdot \cdot \cdot \cdot \cdot \cdot \square \square \square \square \square$

Tabela 8 – Tirinha 01 do Chico Bento – Fonte: Elaboração própria.

A seguir, os procedimentos aplicados na tradução acima.

Na tirinha do Chico Bento, ele diz a frase “Crescê num é nada fácil!” marcando a suposta variação de um dialeto rural. A tradução dessa fala do Chico Bento para a Libras padrão utilizando a **tradução literal** seria CRESCER FÁCIL NÃO. Outra possibilidade é aplicar o procedimento de **modulação** que ficaria CRESCER DIFÍCIL, trocando o ponto de vista de “não ser fácil” para “difícil”, que quer dizer a mesma coisa e torna o entendimento mais claro e direto.

Essas duas possibilidades não atendem ao requisito para representar uma variante dialetal, ou seja, são propostas não compatíveis com o personagem, por isso, para aplicar a forma não padronizada propusemos a substituição do sinal DIFÍCIL, que foi modulado, pelo gesto SUOR-NA-TESTA, que contempla a semântica dita pelo personagem e se encaixa com o contexto apresentado na imagem. Veja a seguir o gesto SUOR-NA-TESTA e, depois, o material traduzido.



Figura 36 – Gesto SUOR-NA-TESTA
Fonte: Arquivo pessoal.

CHICO BENTO

치코 벤토

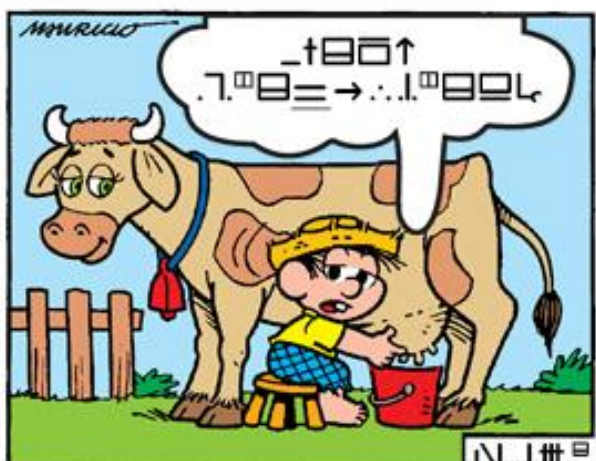
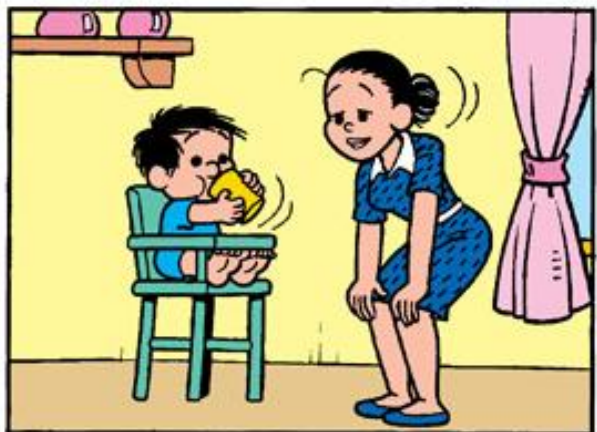
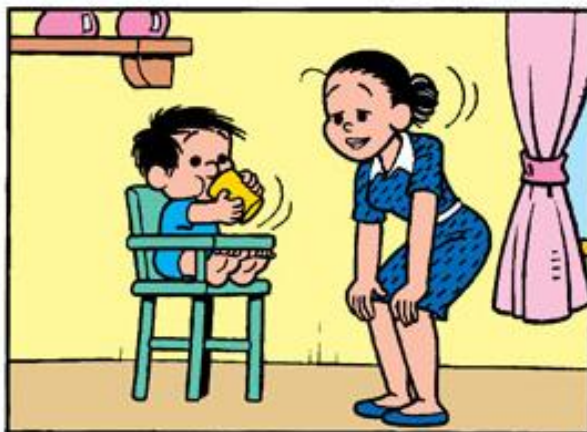


Figura 37 – Tradução da tirinha 01 do Chico Bento
Fonte: Site da Turma da Mônica (UOL), Tirinha 26. Disponível em:
<http://turmadamonica.uol.com.br/quadrinhos/?tg_personagem=chico-bento&tg_quadrinho=tirinhas>.
Acesso em jun. 2017.

3.2.2. Análise da tirinha 02 do Chico Bento

Balões	Original	Tradução em Libras	Transcrição em ELiS
1 – Rosinha	As nuvem faiz umas forma tão bunita!	NUVEM FORMA BONITA!	//\.\.☒□\V ⁺ //_..□□L [↓] _ ☒□L!
2 – Chico Bento	Forma di passarinho, coração, elefante...	PASSARINHO, CORAÇÃO, ELEFANTE...	\.\.☒□\V, //.I.☒□+ ^{^↓+} , /†☒□L... //.I.☒□L?
3 – Rosinha	I aquela ali, Chico? Qui forma tem?	ALI, FORMA QUAL?	.I.☒□. //_..□□L [↓] . //_I.☒□L?
4 – Chico Bento	Di chuva!!	CHUVA!!	//_I.☒□L:!!

Tabela 9 – Tirinha 02 do Chico Bento – Fonte: Elaboração própria.

A seguir, os procedimentos aplicados na tradução acima.

1) No primeiro balão, ocorreram as **omissões** dos artigos “as” e “umas” e do verbo “fazer”, que não são necessários ao entendimento em Libras. No advérbio “tão” ocorreu o procedimento de **transposição**, juntamente com o adjetivo “bonita”, pois está presente na realização do sinal BONITA ao ser executado com as duas mãos para enfatizar que não é só bonita, mas muito bonita, devido ao intensificador “tão” usado no original. No mais, a sintaxe seguiu uma ordem de **tradução palavra por palavra** e não de **tradução literal**, pois não houve mudança na ordem sintática.

2) No segundo balão foram **omitidas** as palavras “Forma di” que, além de desnecessárias ficariam repetitivas e não caberiam no espaço do balão-fala. No restante da frase foi realizado o procedimento de **tradução palavra por palavra**. Um detalhe na execução dos sinais é que todas as formas da nuvem foram descritas utilizando CLs. Para a palavra “coração” existe um sinal, mas nesse caso, com as mãos, foi desenhado um formato de coração no espaço neutro, muito utilizado como “sinal-arte” em poemas e músicas comumente identificadas no procedimento de **compensação**.

3) No terceiro balão ocorreram os procedimentos de **omissão** e de **reconstrução de período**. Foram omitidas as palavras “l aquela” e o verbo “tem”, que não são necessários para o entendimento em Libras e o nome “Chico”, pois já está claro no contexto da tirinha que a personagem Rosinha está falando com ele. No original eram duas perguntas e na tradução passou a ser apenas uma, que engloba as duas ideias. Foi uma redução sintática necessária para melhor entendimento e para contenção de espaço.

4) No quarto balão, ocorreu a **tradução palavra por palavra**, com apenas a **omissão** da preposição “Di”, que não existe na gramática da Libras.

Veja a seguir os sinais/classificadores PASSARINHO, ELEFANTE e CORAÇÃO e, depois, o material traduzido.



Figura 38 – Sinal/Classificador PASSARINHO
Fonte: Arquivo pessoal.

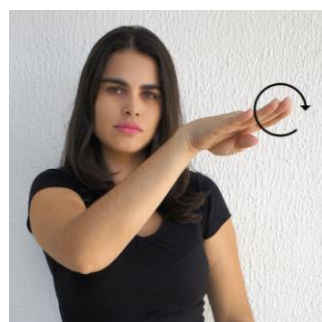


Figura 39 – Sinal/Classificador ELEFANTE
Fonte: Arquivo pessoal.

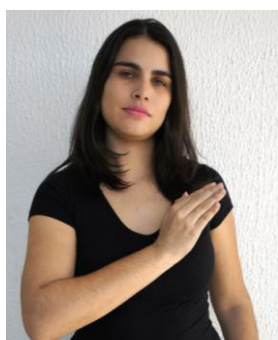


Figura 40 – Sinal CORAÇÃO
Fonte: Arquivo pessoal.

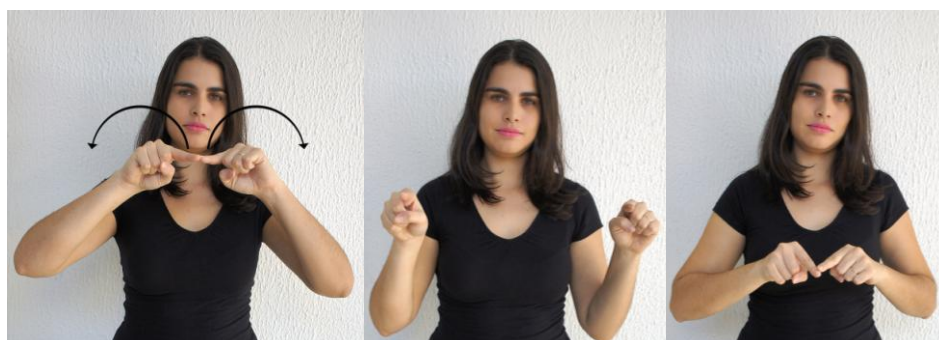


Figura 41 – Classificador CORAÇÃO
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 42 – Tradução da tirinha 02 do Chico Bento

Fonte: Blog La Lengua. Disponível em:

<<http://uemasulletras.blogspot.com.br/2017/05/fala-do-chico-bento-francisco-antonio.html>>.

Acesso em set. 2017.

3.2.3. Análise da tirinha 03 do Chico Bento

Balões	Original	Tradução em Libras	Transcrição em ELiS
1 – Chico Bento	Padre! Num cometi nenhum pecado nesta semana!	BÊNÇÃO! HOJE EU PECADO _{NEGAÇÃO-COM-CABEÇA!}	•⊕⊖! //+⊖⊖+ I.⊖⊖. \⊖⊖'T'!
2 – Padre	Parabéns, Chico!	PARABÉNS, SINALCHICO!	//⊖⊖⊖⊖. I.⊖⊖!
3 – Padre	Como você conseguiu?	CONSEGUIR COMO?	-.I.⊖⊖>⊖ //\⊖⊖L:?
4 – Chico Bento	Drumi o tempo todo!	DORMIR DIA-TODO	//<⊖⊖⊖⊖>⊖+ -+⊖⊖⊖⊖⊖!

Tabela 10 – Tirinha 03 do Chico Bento – Fonte: Elaboração própria.

A seguir, os procedimentos aplicados na tradução acima.

1) No primeiro balão acontece a troca do vocativo “Padre” pelo sinal BÊNÇÃO, pois usar o vocativo não é comum em Libras. Ficaria estranho, neste caso específico, um surdo usar o sinal referente à pessoa para chamá-la. O mais usado é articular os dedos assim: ✎✎✎✎. Neste caso, para se dirigir ao padre, usar o sinal BÊNÇÃO é uma forma de respeito e mostra proximidade. Nessa primeira frase o procedimento utilizado foi o de **transposição**, pois se alterou a categoria gramatical, não necessariamente a classe, visto que tanto “Padre” quanto BÊNÇÃO são substantivos, masculino e feminino respectivamente, mas a função da palavra/sinal dentro da frase. “Padre” define o indivíduo, e BÊNÇÃO estabelece a comunicação – função fática. Na segunda frase “Num cometi nenhum pecado nesta semana” há várias possibilidades de tradução, que foram eliminadas pelo fator *espaço limitado*. Por isso, a **omissão** esteve bastante presente, para chegar à proposta dos seguintes sinais “HOJE EU PECADO_{NEGAÇÃO-COM-CABEÇA!}”. A palavra “cometi” é desnecessária em Libras e por isso foi omitida, a palavra “ninhum”, que também pode ser eliminada para não haver repetição, está frisando a negação ‘não ter cometido pecado’. As palavras “Num” e “pecado” foram sinalizadas com apenas um sinal, PECADO, adicionado do afixo ‘balançar de cabeça’ marcando a negação, o que se enquadra no procedimento **transposição**, pois se juntaram duas classes de palavras em apenas uma. O sinal EU foi **explicitado** para marcar o sujeito na frase. E a substituição drástica de “nesta semana” para HOJE será justificada no quarto balão-fala.

2) Na fala do padre, nota-se uma diferença em relação aos outros personagens da roça: as falas do padre são transcritas pela ortografia oficial. Ou seja, na medida do possível, durante as traduções, os sinais dele não deverão ser compostos por CLs ou gestos. No segundo balão utilizamos a **tradução palavra por palavra**, mantivemos a mesma ordem sintática e as classes das palavras. Neste caso específico, o uso do vocativo foi mantido, embora não esteja sendo usado para chamar o outro personagem, mas simplesmente para manter a função fática e “marcar” a pessoa que ele parabenizou.

3) No terceiro balão-fala foi usado o procedimento **tradução literal**, pois houve reordenação sintática, inverteu-se a oração “Como você conseguiu?” para “CONSEGUIR COMO?”. Como estudamos na seção 2.2.2.: em Libras, é muito comum a ordem tópico-comentário, e assim a palavra CONSEGUIR é o principal na frase

pronunciada pelo padre, por isso, foi colocada no início da oração. Já o pronome “você” foi **omitido**, por não ser necessário ao entendimento nesse contexto.

4) O quarto balão-fala “Drumi o tempo todo!”, se fosse por meio da **tradução palavra por palavra**, ficaria assim: “DORMIR TEMPO TODO!”. Que TEMPO seria sinalizado? O sinal que corresponde a CLIMA ou a RELÓGIO-DE-PULSO? Nenhum desses dois sinais faria sentido nem estaria especificando nada. Em Libras há necessidade de **explicitar** o tempo a que se refere: ano, mês, semana, dia, horas, minutos... Se utilizássemos o sinal de SEMANA para ficar compatível com o primeiro balão em que o Chico Bento diz: “Num cometi nenhum pecado nesta semana!”, ficaria parecendo, semanticamente, que o Chico Bento estava em coma durante uma semana toda. Por isso, o mais sensato foi usar a referência DIA para contabilizar o período, o que já denota uma grande quantidade de tempo, pois dormir o dia todo ultrapassa o período da noite, normal para se dormir. Devido a essa necessidade de especificar o tempo e utilizar o sinal DIA-TODO para ficar mais coerente ao contexto é que, no primeiro balão-fala, foi utilizado o sinal HOJE e não o sinal SEMANA.

Veja a seguir os sinais/classificadores DORMIR e DIA-TODO e, depois, o material traduzido.

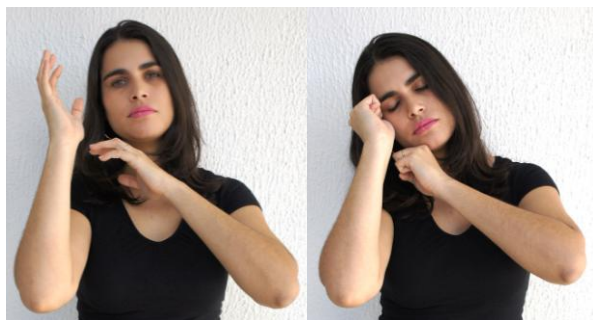


Figura 43 – Sinal/Classificador DORMIR
Fonte: Arquivo pessoal.

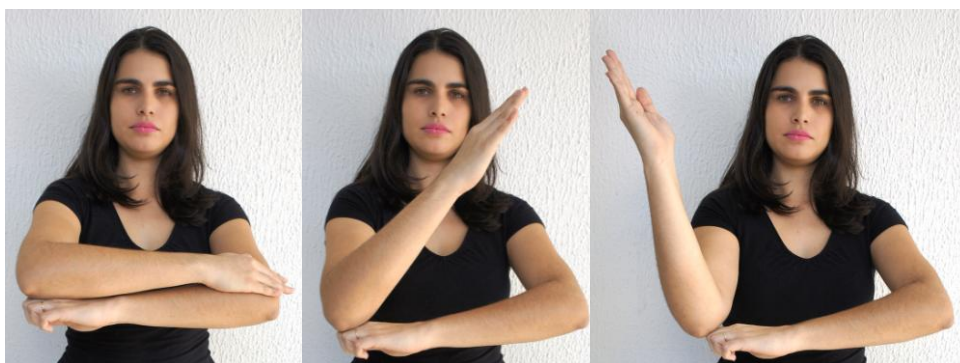


Figura 44 – Sinal/Classificador DIA-TODO
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 45 – Tradução da tirinha 03 do Chico Bento

Fonte: Blog do Toninho. Chico Bento e o padre.

Disponível em: <<http://toninho05.blogspot.com/2014/04/tirinhas-do-chico-bento.html>>.

Acesso em set. 2017.

Em uma análise geral, as traduções das tirinhas 02 e 03 do Chico Bento utilizaram, na medida do possível, classificadores e gestos compatíveis com a proposta para representar o dialeto rural. Não exigiu muita criatividade se comparada à tirinha 01, mas houve esforço tradutório para se ajustar às limitações do balão.

Nota-se, na análise geral da tradução dos dois personagens, que as modificações necessárias na tradução do Chico Bento são diferentes das do Cebolinha. No Cebolinha, com *Dissemia*, as modificações são em níveis fonológicos, com alteração apenas no parâmetro de configuração de mão. Já no Chico Bento, as modificações são em nível morfológico, pois há a troca da palavra toda, por outra semanticamente equivalente, supondo uma variação dialetal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração todos os aspectos mencionados, conclui-se que analisar as traduções por meio dos procedimentos técnicos possibilita traduzir de forma consciente. A partir do uso analítico dos procedimentos, nota-se que as definições não são engessadas nem tão rígidas quanto parecem. Assim, a divisão e caracterização em treze procedimentos é apenas uma forma didática de assimilar as possibilidades. Traduzir sem a consciência do que se está fazendo é um risco, além do que os procedimentos servem como ideias e sugestões quando nos deparamos com um problema tradutório que parece não ter solução.

A intenção deste trabalho é dar subsídio à educação dos surdos, proporcionando o acesso da comunidade surda às tirinhas de maneira adequada, considerando a valorização da língua de sinais. O objetivo é auxiliar o tradutor com ideias para resolver os casos específicos dos personagens Cebolinha e Chico Bento.

Para a intenção, esperamos contribuir com a autonomia do indivíduo surdo, que a cada dia avança na conquista de direitos e espaço na sociedade. Vale ressaltar que o mais importante para continuar esse avanço é estar na posse do conhecimento de um modo geral. A leitura e a escrita são canais riquíssimos para proporcionar tal desenvolvimento. Esse projeto não deve parar, mas, sim, continuar na busca de novas soluções a fim de ter um extenso material para uso didático ou até mesmo para a leitura dos surdos como diversão em seu tempo livre. A Educação Bilíngue deve estimular os surdos a seguir esse caminho, proporcionando leitura e acesso aos materiais em escrita de sinais. A tradução em si foi prazerosa de executar, ler as tirinhas da Turma da Mônica é um passatempo que remete à infância. O fato de conhecer as inferências que os personagens utilizam facilita a encontrar uma solução tradutória adequada à nova cultura.

Para atender ao objetivo, como profissionais de tradução, esperamos instigar o aprofundamento em pesquisas e soluções criativas, e assim, nos munir de ideias para enriquecer e adquirir conhecimento de mundo que nos possibilite ir além. Traduzir e recriar dentro dos limites que nos são propostos é um desafio constante nesse ambiente de trabalho e pesquisa. Os limites impostos não podem ser barreiras criativas, pois são somente um norte desafiador para um vasto campo de ideias. Sair do limite foge da proposta e aí não é mais tradução, é criação ou transcrição, segundo ALMEIDA FILHO (2013) “traduzir é criar a sua liberdade dentro do muro”.

Portanto, de maneira adequada, as traduções cumpriram o seu papel, seguindo os limites estabelecidos pelo gênero textual trabalhado, as tirinhas. As traduções contemplaram também as questões cultural (do Chico Bento) e linguística (do Cebolinha), que exigiram pesquisa em ambas as áreas, tanto para entendê-las quanto para saber como transferi-las da maneira mais equivalente possível na outra cultura.

Acreditamos que foi dada a resposta ao problema de pesquisa “Como traduzir a dislalia do Cebolinha e o dialeto do Chico Bento sem perder o chiste e os detalhes linguísticos e culturais que caracterizam uma fala?”. A solução linguística para o Cebolinha e a solução cultural para o Chico Bento foram condizentes e justificadas com argumentos que mostram compatibilidade na língua-alvo. Os fatores linguísticos acerca da configuração de mão para o personagem Cebolinha com dislalia/*Dissemia* relacionaram-se bem ao paralelo com as crianças em fase de aquisição de linguagem. E os fatores culturais acerca de uma suposta variante dialetal identificada no personagem Chico Bento também foram bem relacionados ao modo de falar não padronizado e não gramaticalizado de alguns surdos que vivem em situação de isolamento linguístico, principalmente no âmbito histórico/social que os coloca em uma situação de distanciamento da Libras padrão e gramaticalizada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, H. S.; CARNEIRO, B. G; MIRANDA, R. G. Considerações iniciais sobre a produção de gibis em escrita de sinais. In: Congresso ABRALIN em Cena no Tocantins: Pesquisas Linguísticas e Demandas do Ensino Básico, 4 a 6 de novembro de 2014, UFT. **Anais...** Araguaína, 2014, pp. 1.053-1.064.

AGUIAR, Thiago Cardoso, CHAIBUE, Karime. Histórico das Escritas de Línguas de Sinais. **Revista Virtual de Cultura Surda**, Editora Arara Azul. Edição nº 15, pp. 1-28, março/2015.

ALMEIDA FILHO, E. A. Entrevista com Eclair Antônio Almeida Filho. pp. 229-240. In: COSTA, Patrícia Rodrigues. **Do ensino de tradução literária**. 305 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução), Instituto de Letras, UnB, Brasília, 2013.

ÁLVAREZ, Adriana Carina Camacho. Da oralidade à legenda: reflexão em torno de um trabalho de legendagem. In: **Tradução em Revista** 11, PUC-RIO, 2011/2.

ALVES, Fábio; MAGALHÃES, Célia; PAGANO, Adriana. **Traduzir com autonomia**. São Paulo: Contexto, 2000.

BARBOSA. Heloísa Gonçalves. **Procedimentos técnicos da tradução**: uma nova proposta. Campinas, SP: Pontes, 1990.

BARROS, Mariângela Estelita. **ELiS – Escrita das Línguas de Sinais**: proposta teórica e verificação prática. 2008. 197 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, UFSC, Florianópolis, 2008.

_____. **ELiS: Sistema brasileiro de escrita das línguas de sinais**. Porto Alegre: Penso, 2015.

_____. Princípios básicos da ELiS: Escrita das Línguas de Sinais. In: **Revista Sinalizar**, v. 1, n. 2, pp. 204-210, jul./dez. 2016.

BATALHA, Maria Cristina; PONTES, Geraldo Jr. **Tradução**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BATTISON, Robbin M. **Lexical borrowing in American sign language**. Burstonville: Linstok Press, 2003 (reprint, original 1978).

BESSA, Cristiane Roscoe. **A tradução-substituição**. Brasília: Editora do Centro, 2010.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS – e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília.

BRASIL. **Decreto Nº 5.626**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.

BRITTO, Paulo Henriques. **A tradução literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CALVET, Louis-Jean. Os instrumentos do planejamento linguístico. In: **As políticas linguísticas**. Florianópolis e São Paulo: Ipol/Parábola, 2007. pp. 61-86

CARNEIRO, Bruno. Corpo e classificadores nas línguas de sinais. In: **Revista Sinalizar**, v.1, n. 2, pp. 118-129, jul./dez. 2016.

FARACO, C. A. **Escrita e Alfabetização**. São Paulo: Contexto, 2003.

FELIPE, Tanya A. **Libras em contexto: Curso Básico: Livro do Estudante**. 8ª Edição. Rio de Janeiro: WallPrint Gráfica e Editora, 2007.

FERRARI, Lilian. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa?:** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

HOUSE, Juliane. **Translation quality assessment: a model revisited**. Tübingen: Narr, 1997.

LACERDA, C. B. F. **Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos**, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000300007&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 24 abr. 2018.

LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana S. C. **ESCRITA SEL - Sistema de Escrita para Línguas de Sinais**. 2012. Disponível em: <<http://sel-libras.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

McCLARTY, Rebecca. Towards a multidisciplinary approach in creative subtitling. In: Agost, Rosa, Pilar Orero & Elena di Giovanni (eds.) **Multidisciplinarity in Audiovisual Translation. MonTI 4** (2012), pp. 133-153.

MILTON, John. **Tradução: teoria e prática**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

MUNDAY, Jeremy. **Introducing translation studies: theories and applications**. Londres: Routledge, 2012.

QUADROS, Ronice Müller. **Um capítulo da história do SignWriting 1999**. Disponível em: <<http://www.signwriting.org/library/history/hist010.html>>. Acesso em: 21 jan. 2018.

QUADROS, R. M. de & KARNOPP, L. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: ArtMed. 2004.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.

SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres. Português e libras em diálogo: os procedimentos de tradução e o campo do sentido. In: ALBRES, Neiva de Aquino; SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres (Org.). **Libras em estudo: tradução/interpretação**. São Paulo: FENEIS, 2012, pp. 35-55.

SEGALA, R. R. (2010). **Tradução intermodal e intersemiótica/interlinguística: português escrito para a língua de sinais**. Dissertação. Mestrado em Estudos da Tradução. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SPICACCI, Aline Alkmin Camargo. Traduzindo o dialeto do personagem Chico Bento do português para a Libras por meio da ELiS. In: **Revista Sinalizar**, v. 3, n. 1, p. 40-56, ISSN: 2448-0797. jan./jun. 2018.

STOKOE, W., CASTERLINE, D., CRONEBERG, C. **A dictionary of American Sign Language linguistic principles**. Washington, Gallaudet, 1965.

_____. **Sign language structure**. (Edição revisada.) Silver Spring: Listok Press, 1978.

SUTTON-SPENCE, R. Imagens da identidade e cultura surdas na poesia em língua de sinais. In: Quadros, Ronice Müller de & Vasconcellos, Maria Lúcia Barbosa de. (Org.) **Questões Teóricas das Pesquisas em Línguas de Sinais**. Petrópolis – RJ: Arara Azul, 2008, pp. 329-339.

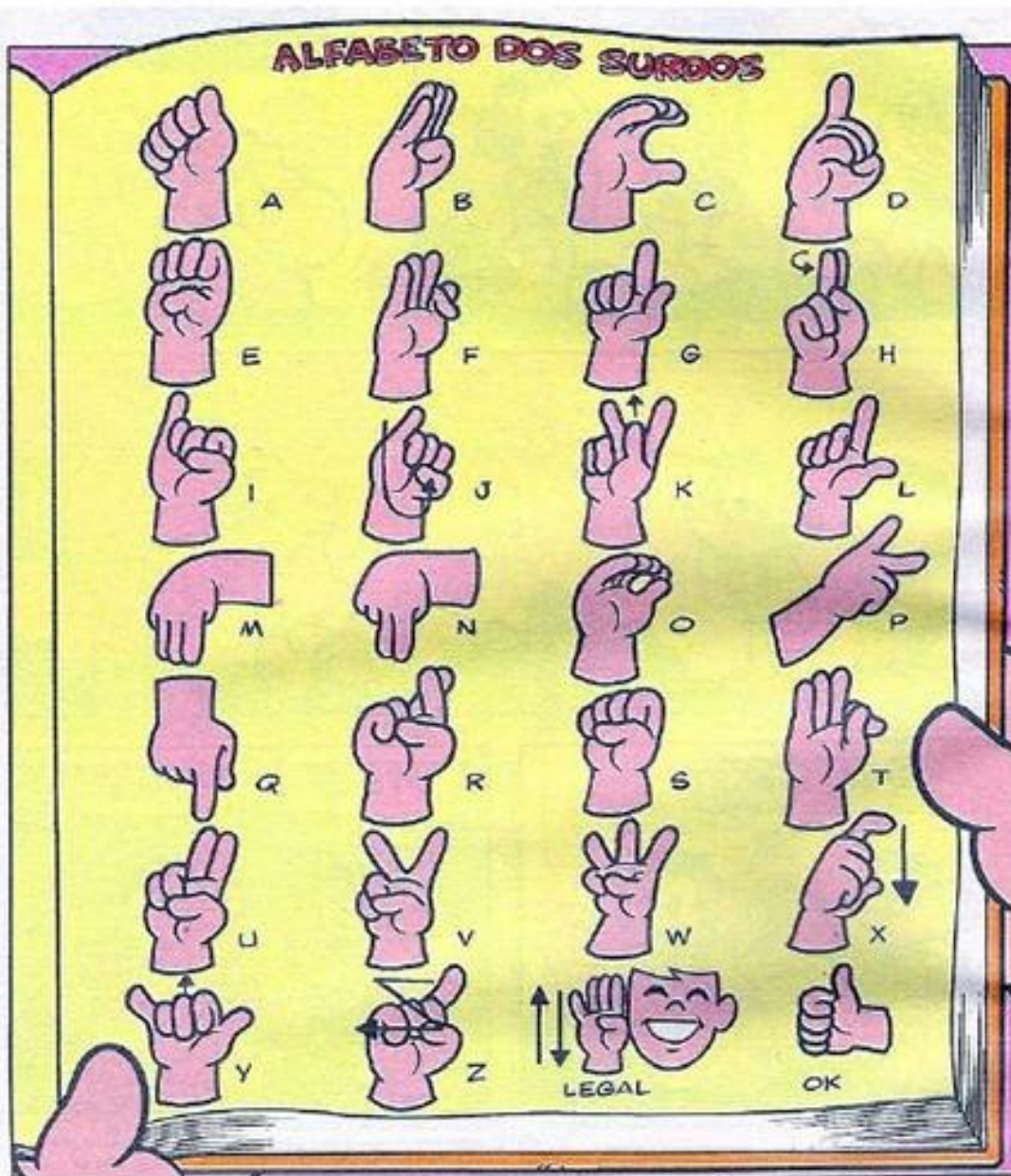
ANEXO

História em quadrinhos em Libras





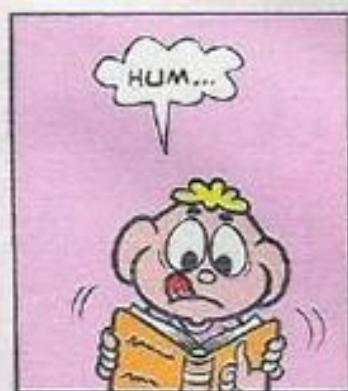








* SEMPRE QUE O BALÃO APARECER ASSIM É PORQUE A TURMA ESTÁ USANDO A LINGUAGEM DE SINAIS.





42

Figura 46 – Humberto em: Aprendendo a falar com as mãos!

Fonte: Site Cultura Surda. Disponível em:

<<https://culturasurda.net/2016/01/26/turma-da-monica-libras/>>. Acesso em maio de 2018.